

7. Referências bibliográficas

AFONSO, Ismália. I Seminário de Cultura da Moda. **Portal da Cultura**. 24 set. 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/09/24/i-seminario-cultural-da-moda/>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

_____. Moda. **Portal da Cultura**. 23 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/11/23/moda-2/>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

_____. Plano Cultural da Moda. **Portal da Cultura**. 04 out. 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/10/04/plano-cultural-da-moda/>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Águas e Mágoas do Rio São Francisco. In: **Discurso de Primavera e Algumas Sombras**. 1977. Disponível em: <<http://www.saofranciscovivo.com.br/node/452>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**; estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: _____. **Obras Estéticas**: filosofia da imaginação criadora.

BECKER, Howard S.. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **Los mundos del arte**: sociología del trabajo artístico. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).

_____. Moda. In: **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 101-119.

_____. O Colecionador. In: **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 237-246.

BONADIO, Maria Claudia. A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação *Stricto Sensu* no Brasil. **Iara** – Revista de Moda, Cultura e Arte: São Paulo. V.3. N. 3 dez. 2010. Dossiê.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuições para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. Alta Costura e Alta Cultura. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 154-161.

_____. Mas quem criou os criadores?. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 162-172.

_____. O Mercado de Bens Simbólicos. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 99-181.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALLAN, Georgina O'Hara. Enciclopédia da moda de 1840 à década de 90. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANCLINI, Nestor G.. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. São Paulo: Ed. USP, 2003.

CAVALCANTI, Alex Léon. Entrevista – Ronaldo Fraga. **Na Cama Com Léon**. 16 mar. 2011. Disponível em: <<http://nacamacomleon.com/?p=3309>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

CHRISTO, Deborah Chagas. Designer de moda ou estilista? Pequena reflexão sobre a relação entre noções do campo da arte, do design e da moda. In: **Design de Moda: olhares diversos** / Dorotéia Baduy Pires (org.). Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

_____; CIPINIUK, Alberto. **O campo do design e consagração das logomarcas: estudo da relação entre as instâncias de legitimação e consagração do campo do design e a linguagem gráfica das logomarcas produzidas nas décadas de 60 e 70**. 2003. 77 f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2003.

DICTIONNAIRE de la Mode au XXe Siecle. Paris: Editions du Regard, 1994. 591 p.

DIRETRIZES DO PLANO CULTURAL DA MODA. **Portal da Cultura**. 04 out. 2010. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/10/Diretrizes_PlanoCulturalModa.pdf>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

ENTREVISTA Ronaldo Fraga. Ronaldo e seus filhotes. **Petit-Pavé**. 11 out. 2008. Disponível em: <<http://www.petitpave.com.br/blog/?p=3>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

FAMÍLIA Dumont. **Matizes Dumont: trabalho transgeracional e de criação espontânea**. Disponível em: <<http://www.matizesbordadosdumont.com/portu/familia.asp>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. In: CÍRCULO – RODAS DE CONVERSAS BAKHTINIANAS: Bakhtin e a atividade estética – novos caminhos para a Ética, comunicação disponibilizada pelo autor, São Carlos / SP, 2010, p. 1-6.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FORTY, Adrian. **Objeto de desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRAGA, Ronaldo. **A cobra Ri: release** da coleção de verão 2006/2007. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **A delícia do projeto Talentos do Brasil.** Texto do *blog* do autor. 2008. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?m=200810>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **A Loja de Tecidos:** *release* da coleção de inverno 2008. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Acervo Ronaldo Fraga pelo mundo!** Texto do *blog* do autor. 2008. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?m=200810>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Athos Bulcão:** *release* da coleção de inverno 2011. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Disneylândia:** *release* da coleção de verão 2009/2010. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Homenagens.** Texto do *blog* do autor. 2008. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?m=200810>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Moda, roupa e tempo:** Drummond selecionado e ilustrado por Ronaldo Fraga. Belo Horizonte: Usiminas, 2004.

____. Origem. **Rio São Francisco navegado por Ronaldo Fraga.** Out. 2010. Disponível em: <<http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Pina Bausch:** *release* da coleção de inverno 2010. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Rio São Francisco:** *release* da coleção de verão 2008/2009. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **São João Nepomuceno:** a indústria da moda e confecções como forma de expressão, apropriação cultural, reflexo e análise do tempo em que vivemos. Belo Horizonte: IEL, 2005. 1 v.

____. **Talentos do Brasil.** Texto do *blog* do autor. 2008. Disponível em: <<http://ronaldofraga.com/blog/?m=200809>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Tudo é risco de Giz:** *release* da coleção de inverno 2009. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

____. **Turista Aprendiz:** *release* da coleção de verão 2010/2011. Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br/port/index.html>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

GARCIA, C. Fashion, culture and identity in 20th century Brasil: a semiotic approach toward Ronaldo Fraga collections. In: Congreso Internacional de Moda - CIM 2008, 2008, Madrid. Actas CIM 2008 - La moda, un espacio de innovación y cultura. Madrid: Centro Superior de Diseño de Moda - Universidad Politécnica de Madrid, 2008.

____.; MIRANDA, A. P. C.. Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos. 2a edição revisada. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

____. Por uma Poética do lugar-comum. In: QUEIROZ, João Rodolfo; BOTELHO, Reinaldo (Org.). **Ronaldo Fraga.** São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 69-86.

GERALDI, Maria Carolina Garcia. **Moda e identidade no cenário contemporâneo brasileiro: uma análise semiótica das coleções de Ronaldo Fraga.** Sao Paulo: s.n, 2002. 174f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GUIMARÃES, Mariana de Souza; CIPINIUK, Alberto (Orientador). **O design dos objetos artesanais produzidos no cotidiano de mulheres idosas**. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 185-276.
- JUNIOR, João D. R.; ANDRADE, Pedro D. de. O design de moda e os lugares de memória: Ronaldo Fraga e sua coleção Pina Bausch. **Redige**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2010, p. 223-245. Disponível em: <<http://www.cetiqt.senai.br/ead/redige/index.php/redige/article/view/38/126>>. Acesso em: 03 fev. 2012.
- KAPFERER, Jean-Noël. **As marcas, capital da empresa: criar e desenvolver marcas fortes**. 3. ed Porto Alegre: Bookman, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LUZ, Márcia. Entrevista: Ronaldo Fraga – Estilista. **Simplesmente Elegante**. 31 mai. 2009. Disponível em: <<http://simplesmenteelegante.com/2009/05/entrevista-ronaldo-fraga-estilista/>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.
- MARTINS, Juliana Abuzaglo Elias; CIPINIUK, Alberto (Orientador). **Autoria: conceitos e valores no campo do design**. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2010.
- MEIRELLES, Luisa Helena Silva; CIPINIUK, Alberto (Orientador). **Uma abordagem ao campo da moda no Rio de Janeiro: o caso da favela Rio das Pedras**. Rio de Janeiro, 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2011.
- MONTEIRO, Karla. O estilista Ronaldo Fraga fala da capitalização do setor, que ganhou representação oficial em Brasília. **O Globo**. 06 fev. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/o-estilista-ronaldo-fraga-fala-da-capitalizacao-do-setor-que-ganhou-representacao-oficial-em-2826791>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.
- NATAL pensando Moda**. Catálogo. Natal: SEBRAE RN, 2010.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares: **Revista Projeto História**. São Paulo, nº10, p 7-28. dez. 1993.
- OLIVEIRA, Anna Carolina. Primeira exposição de Ronaldo Fraga chega ao Parque do Ibirapuera. **Veja São Paulo**. 31 mar. 2011. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/noticias/exposicao-sao-francisco>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.
- OXFORD Advanced Learner's Dictionary. Nova York: Oxford University Press, 2005.
- PASCOLATO, Costanza. Limpeza bem-vinda. **Revista Vogue**, São Paulo, n. 382, junho 2010, p. 27-28.

PISSOLATI, Nian. MABEL, Yany. Entrevista com Ronaldo Fraga. **Fundação Clóvis Salgado**. 2009. Disponível em: <<http://www.fcs.mg.gov.br/noticia/17-672,entrevista-com-ronaldo-fraga.aspx>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRECIOSA, Rosane; AVELLAR, Suzana. Considerações iniciais sobre Moda e Memória. In: COLÓQUIO DE MODA, 4., 2008, Novo Hamburgo. **Anais do 4º Colóquio de Moda**. Novo Hamburgo: Feevale, 2008. 1 CD-ROM.

RIO SÃO FRANCISCO navegado por Ronaldo Fraga. *Site da exposição*. Disponível em: <<http://saofranciscoronaldofraga.com.br/>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

SABINO, Marco. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SALLES, Vanessa M. Moreira. Pensamentos sobre moda e sua relação com a tradição a partir e noções benjaminianas. In: **História e cultura de moda**. Org. Maria Claudia Bonadio; Maria de Fátima Mattos. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 2080-293.

SANTOS, Márcio. **Expedição Engenheiro Halfeld**: relatório de pesquisa de campo. Campanha Rio São Francisco Patrimônio Mundial. Dez. 2001. Disponível em: <<http://www.terrazul.org.br/Caminho1/RELATORIO2.pdf>>. Acesso em: 23 fev. de 2012.

SONTAG, Susan. Objetos de melancolia. In: _____. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 63-97.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WOLFF, Janet. **A Produção Social da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

8. Anexos

8.1. Palestra de Ronaldo Fraga – Casa Fiat

Palestra do projeto *Sempre Um Papo* da Casa Fiat, em Belo Horizonte, realizada em 19 de setembro de 2008. Disponível parcialmente em vídeo pelo endereço eletrônico <<http://www.youtube.com/watch?v=DV9o2wNdLI4>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

(...), esse instrumento de comunicação, o registro de tempo, eu acho talvez mais como documento do tempo, moda e arte, nesse sentido, esse tempo que a gente está vivendo agora que tem um erro pra turma da moda, os pesquisadores aí entre aspas, a moda está sempre ou olhando pra trás ou olhando pra frente, analisando muito pouco o presente. Muito pouco o tempo vivido, o tempo de agora. E esse tempo de agora que eu acredito que muito que, isso não, com certeza muito em função dessa democratização da informação nunca nós tivemos tanta liberdade de escolha e de caminhos na relação com a construção de uma coleção de moda. Porque tudo pode realmente se tornar uma coleção de moda. E aí eu acho que também ela se aproxima da concepção de arte, nesse lugar. Quando dessa coleção muita gente publicou na época: “Ah, porque a China é a discussão do dia!”... Então, tem tudo a ver e viram que era tendência mesmo.

<risos>...

Esperam achar uma tendência...

Ou então falam que é uma coleção sem cara porque não tem conexão com a tendência. Isso já foi pior, mas ainda existe. Eu trouxe esse material da China e trouxe o outro que é da loja de tecidos que poderia ser colocado até como uma extensão da própria China, porque olhar para um tempo em que as pessoas entravam numa loja, comprava o tecido, pegava um desenho, ia na costureira, fazia a roupa, brigava com a costureira porque ela enrolava e deixava pra entregar a roupa no último momento e quando entregava a roupa estava uma merda...

<risos>...

Mas isso vinha até de uma experiência particular e muito própria e que muita gente já sabe e que foi onde eu comecei a trabalhar. Eu planejei fazer um curso de desenho e que era desenho de modas, sem pretensão nenhuma, no dia seguinte me ligaram na semana seguinte com o curso finalizado, para poder... É que precisavam de alguém pra desenhar numa loja de tecidos lá do centro da cidade. Eu achei que ia ser o máximo: “Vou ficar desenhando o dia inteiro e ainda vão me pagar”. E quando eu cheguei foi um pesadelo. Porque eu não tinha relação nenhuma com moda, eu não tinha registro nenhum de gola, de manga, de nada. Então, no primeiro dia de trabalho eu me lembro que tinha, abriu a porta, eu tinha na minha frente ali umas 30 mulheres...

<risos>...

Alta, magra, gorda, baixa, redonda, fina, com um rolo de tecido debaixo do braço, esperando a roupa pro batizado, pro casamento, pra festa de aniversário, enterro, missa de 7º dia, não é? Mas em todas elas eu acho que a escolha da roupa existe uma coisa que é uma relação amorosa. Uma relação amorosa pro grupo, pra ser aceita no grupo ou pra consigo mesmo. Então, quando a outra fala que o corpo é a primeira mídia, talvez o corpo seja o primeiro espaço de instalação pra uma obra de arte. Aí sim a roupa pode ser considerada uma obra de arte. E nesse momento foi extremamente importante para a minha formação, claro que eu precisei amadurecer pra poder entender isso e olhar pro meu trabalho e falar: “É por isso que eu faço assim”, porque como eu não sabia nada, de nada, eu só sabia desenhar, eu só tinha o desenho como traço firme. Eu ficava tentando tirar da fala dela a roupa que nem ela sabia que ela queria. Então, eu ia conversando e desenhando e tal... “Fala mais!”... Na conversa ela contava muitas histórias e eu psicografava aquela roupa pro papel.

<risos>...

Na hora do almoço eu nem sentia fome. Eu andava pelo centro da cidade, eu tinha 16 pra 17 anos, então, eu não sabia o que era pregar e o que não era. Eu olhava a turma no ponto de ônibus... E falava: “Essa gola é interessante, eu vou guardar – Essa manga eu vou registrar!”...

<risos>...

Claro que devo ter feito muitos “*franksteins*”, há quem diga que eu...

<risos>...

Então, nessa história eu fui montando o meu repertório de moda ou na minha forma de se fazer e pensar na moda. E teve um outro ponto pra mim de extrema importância que foi ouvir a voz dos tecidos, isso eu não aprendi nem aqui, nem na Parson’s e nem na Saint Martin’s, em Londres. Porque enquanto eu estava de cabeça baixa, eu sentia o barulho do tecido no ar. O barulho do tafetá ao ser desenrolado daquele canudo, o tafetá de seda pura, só o tafetá tem. É um barulho empapelado emocionante, até parece o barulho da asa de um pássaro assim. O cheiro do linho acetinado “S-120 e 129” que não se produz mais...

Olha a diferença do linho. Vocês perceberam...

<risos>...

Não existe, infelizmente. Nem lá fora estão produzindo mais. Era um linho pesado, acetinado, que fazia alfaiataria até os anos 50, 60. E que o requinte dele era passar extremamente bem passado e quando a pessoa vestia puxava a calça até em cima pra dar aqueles gomos. E claro, o cheiro que emana de um algodão ao ser rasgado. O conhecimento que eu tenho de tecido de só de sentir o cheiro dele ou o próprio barulho e falar e quase sempre acertar mais do que errar a composição, veio dessa experiência com a loja de tecidos. Mas mais do que isso, eu digo que essa coleção é a coleção do guarda-roupa da Cecília Meireles, ela tem ali um guarda-roupa aberto onde você tem a roupa pra festa, você tem o jeans, você tem uma roupa que você bate o olho e fala assim: “Nossa! Eu acho essa roupa é muito brega, muito cafona! Mas ela tem uma história amorosa por trás, eu não abro mão dela”... Essa coleção eu usei como cenografia vem aí a instalação, estamos falando em instalação, não é mesmo, de um quintal da Bienal. Então na passarela vão ter 25 desfiles, eu reproduzi em uma peça de cada uma dessas 25 coleções. É como se a roupa tivesse morrido na Bienal, mas o fantasma dela tivesse ali pra sempre. Eu gosto dessa imagem das modelos com as roupas de tecido de carne e osso, tecidos de carne e osso, desfilando entre o *voil* transparente das roupas fantasmas, das roupas mortas.

Eu queria só complementar... <fim da gravação>...

8.2.

Entrevista com Ronaldo Fraga - Plaza na Moda

Entrevista audiovisual realizada pelo evento Plaza na Moda, do Plaza Shopping, em Recife, em outubro de 2008. Disponível em vídeo pelo endereço eletrônico: http://www.youtube.com/v/gj52I4huHZo?fs=1&hl=pt_BR&color1=0x5d1719&color2=0xcd311b&border=1. Acesso em: 23 fev. 2012.

A história da moda no Brasil nós podemos pontuá-la principalmente com a vinda da família real, em 1808 pra cá. Portanto essa história de moda já existe. Agora cultura de moda é algo recente. E a grande dificuldade em se falar ou em se trabalhar ou estabelecer qualquer diálogo que necessite de cultura de moda é simplesmente porque estamos falando de cultura de moda de 20 anos pra cá. Um pouco menos de 20 anos, início dos anos 90, organização de calendário de moda, abertura do número de escola de modas no país. Eu acredito que, eu sou extremamente otimista com relação a isso. Eu acho que quando você estabelece um diálogo entre cultura de moda com acultura do país, as pessoas recebem super bem. Então, essa dificuldade é só pelo fato de ser algo novo, mas ela vai se firmar não tem a menor dúvida.

<música>...

Esse universo lúdico, ele meio que é um DNA de todo trabalho que eu faço. Eu não gosto muito de estar pontuando: por que é assim? Eu acho que têm coisas, no trabalho da gente, que são instintivas, então, eu acho que muito disso vem da minha formação cultural, o meu estado, o estado de Minas, o que se faz que envolva trabalhos manuais geralmente tem a força do artesanal como também o estado de Pernambuco, que também é um estado extremamente lúdico. Eu acredito que isso tem muito mais a ver com formação cultural do que por opção.

<música>...

Inspiração para coleção de moda é em qualquer lugar. Que coisa pode gerar uma coleção de moda. Eu sempre me preocupo com abertura que a mídia de moda tem hoje no país, lembrando que perdemos em volume de mídia espontânea só para cobertura de final de Copa do Mundo quando o Brasil está jogando. Então, eu acho que gente tem que pensar muito bem o que falar. Essa história de fazer uma coleção inspirada em deusas gregas pode? Pode. Inspirada na tribo africana *não-sei-de-onde*? Pode. Eu acho importante que a moda traga temas e questões que são claras ao mundo moderno, são caras ao homem moderno. Então pra mim o melhor da moda é o que ela carrega de transformador de sua essência, não só o que transforma num olhar do indivíduo com o grupo ou do grupo para o indivíduo. Mas o indivíduo como indivíduo mesmo. Então, tudo pode se tornar uma coleção de moda e é esse tudo que eu presto atenção. Mas eu gosto é daquilo que possa trazer a transformação do olhar.

<música>...

É impossível ignorar a luz, o clima, a música, o swing do nordeste brasileiro. Eu acho importante que a roupa em que a moda esteja conectada com isso. Tem uma coisa que eu acho que hoje no Brasil uma fibra que pra mim ela sempre foi extremamente luxuosa e hoje é mais ainda principalmente porque não temos mais as grandes tecelagens que já tínhamos ou já tivemos num dia no passado que é o linho. Já tivemos a Braspérola produzindo a cambraia, S-120, o acetinado, então tem uma coisa de sensualidade que só a nordestina tem. É uma forma de expor o corpo, o calor, a luz, que só a nordestina tem. Eu acho uma pena quando eu vejo uma moda nordestina trabalhando fibras com os tais chamados tecnológicos sintéticos. Eu acho que antes de tudo é pensarmos em fibras natu-

rais, seja o linho, seja o algodão colorido, mas uma estrutura conseguida a partir daí.

<música>...

Bom, eu me lembro quando criança quando da mulher de 40 anos falávamos: “Nossa! Essas quase idosas”... A mulher era muito mais velha e o homem também. Hoje como as pessoas estão permanecendo mais tempo no mercado de trabalho, elas estão também, eu nem diria estendendo a juventude, eu acho isso uma bobagem. Mas existe uma apropriação da idade quando se tira o melhor daquela idade. E são essas pessoas que estão envelhecendo melhor, com o corpo melhor, com a cabeça melhor, estão envelhecendo mais bonitas. E hoje não existe muito essa diferença de a roupa da menina de 30, a roupa pra menina de 40, a roupa pra menina de 50 ou 60. Eu acho que o melhor é tirar o melhor do seu tempo, do seu corpo, da sua época. É tudo uma questão de apropriação.

<música>...

Fora de moda hoje é tentar seguir enlouquecidamente o que a moda dita. Porque o que a moda está ditando agora é justamente uma liberdade, uma democratização de informação hoje é quase que impossível detectar a cor da estação, a forma da estação. E o que a moda detectou ontem à tarde como a forma ou a cor ou tecido da estação, hoje isso já está obsoleto. Isso já saiu de moda. Então, se por um lado o estar na moda é o autoconhecimento para a construção de um estilo, o estar fora de moda é justamente o oposto disso.

<música>...

É cultura, sem dúvida alguma. A cultura pra mim é o instrumento de transformação mais eficiente que uma população pode apropriar, pode construir, pode conquistar. A cultura é que faz com que o ser humano esteja sempre um nível a cima dos demais. A cultura para o bem-vestir é fundamental.

<música>...

Para combinar o impensável, isso demanda autoconhecimento, isso demanda apropriação cultural, como a pergunta anterior, então esse apropriar o impensável, levar o impensável para o dia a dia, levar o surpreendente para o dia a dia, isso é difícil não é só pra moda, não. Isso é difícil na escolha da casa que você tem, os móveis que você tem em casa, os amigos que você tem, o que você come, das músicas que você escolhe para ouvir. É isso que vai formar o tão falado estilo. Muita gente associa o estilo imediatamente a roupa, mas é o jeito de viver de uma pessoa. E quando ela surpreende ou ela passa elementos impensáveis, seja na decoração, seja na relação com os amigos nas festas que fazem. O jeito que se veste. O jeito que se trabalha. Aí, eu acho que ela vai estar rompendo com as regras que normalmente são impostas a maioria pra pode deixar a sua marca. Essa é a grande história.

<música>...

Roupa tem cheiro, tem sabor, tem memória, tem fala. O poder de comunicação da roupa é uma coisa impressionante. É aí que uma roupa se torna moda, é quando ela traz tudo isso. Porque a diferença da indústria de moda da indústria de roupa, o Brasil tem uma indústria de confecção, a indústria de moda no Brasil é uma coisa que estamos engatinhando. Porque indústria de moda é preciso que se tenha alma. É preciso que se traga não só o cheiro, o sabor, como falei anteriormente, a memória e a história da roupa.

<música>...

Eu costumo dizer que sou dono da minha roupa até o momento que solto essa idéia na passarela. Até o momento que eu apresento a proposta daquela estação. No momento que eu joguei pro ar quem pegou é dele. Concordo: é uma página em branco que você está oferecendo pra alguém e escrita, vai ser escrita dele.

<música>...

Eu tenho muita preguiça dessa expressão, eu acho essa expressão machista, eu acho que ela subestima a inteligência da mulher. Os braços da mulher que têm que ser a própria história da mulher que é a sua melhor roupa. É a sua apropriação, tudo, os amigos, a escolha da maquiagem, as suas escolhas. Eu acho que aí é que vão deixar essa mulher mais bonita. O cara escolheu pra construir ali e não os braços do homem que ama. Isso é uma grande bobagem.

8.3.

Entrevista com Ronaldo Fraga – Entrelinhas

Entrevista audiovisual realizada pelo programa Entrelinhas da TV Cultura e postada no endereço *Youtube* em 17 de agosto de 2009. Disponível em vídeo pelo endereço eletrônico: <<http://www.youtube.com/watch?v=nhCFCwmjKaY&feature=related>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

Em destaque, palavras de Ronaldo Fraga.

Poucos leitores de Drummond e Guimarães rosa imaginariam que um dia eles desfilariam na passarela do mundo fashion. Mas pro estilista como mineiro Ronaldo Fraga a literatura pode ser uma das maiores fontes de inspiração. O Entrelinhas conversou com esse poeta da moda que não nasceu na Itabira de Drummond, nem na *Cordisburgo* de Guimarães Rosa, mas criou pras suas coleções uma linguagem cheia de lirismo.

<música>...

Quando me pergunta: Qual o melhor estilista brasileiro? Eu respondo que temos tantos... Machado de Assis é um deles, o Drummond, eles constroem o personagem e na construção desse personagem a roupa ocupa um lugar tão importante que pra mim eu tenho que fazer o inverso. Na construção de uma narrativa de moda que a palavra que a letra que é escrita também venha com a roupa.

<música>...

Pra mim é quase que natural entender essa coleção que livro é. Ou que parte da literatura ou o que é que eu trago como inspiração da literatura pra determinada coleção.

“Álbum de Família” tem alguma relação com Nelson Rodrigues?

Não só com Nelson Rodrigues, eu li muito o Nelson Rodrigues, mas na época também eu li muito Graciliano Ramos, por exemplo, São Bernardo. Essa coisa da estrutura familiar, a roupa contando uma história, uma marcação de um tempo pelo foco de uma moldura de um quadro de retrato.

<música>...

No “Quantas Noites não durmo” você diz que é uma crônica...

Lupicínio Rodrigues. Ele contava histórias, pequenas histórias, cada obra, cada música tem ali uma história com início, meio e fim. E esse foi o desafio na roupa. E cada roupa, o conjunto das roupas ou a coleção fosse uma crônica e uma crônica vestida.

<música>...

O Drummond marcou com a obra dele coisas que são muito caras a moda. Observar o tempo, retratar na escrita, as escolhas das palavras, o tempo vivido e, contudo, escrever para a posteridade, pra temporalidade. Isso é muito caro pra moda e deveria ser o papel da moda: observar o tempo vivido hoje para trazer isso pra roupa. Então, sempre olhando a frente, procu-

rando a tendência daquilo que vai usar. Quando o desafio é isso, é olhar pro nosso tempo. E isso o Drummond fez muito claro.

<música>...

Eu me lembro que na época os jornalistas, as pessoas falavam: “Isso não é Drummond? Uma pessoa que usou no máximo 4 cores a vida inteira e de onde é que tira roupa daí?”... Tirou roupas justamente da relação do olhar com o tempo dele. Ele falava do imponderável. Ele fala de vida e morte o tempo inteiro. Ele fala da festa, ele fala da saudade. Ele fala do batizado, do casamento, mas ele fala da morte. É uma coleção extremamente colorida, vamos dizer assim, mas umas cores, cor de memória: era um rosa seco, era um rosa pó. Aquela coisa que está por um fio para ser esquecida.

<música>...

Eu não sou inimigo dos vestidos longos e também não sou inimigo dos vestidos curtos. Para dizer toda a verdade a questão é mais de corpos do que de vestidos.

Nessa pesquisa resultou também nesse livro que tem “Poema Selecionado” ilustrados por você.

Isso. Porque os meus amigos sofrem muito comigo quando estou fazendo uma coleção. A minha família também porque durante esse período eu só falo daquilo que estou pesquisando. E lançado a obra de Drummond, em almoços e jantares com amigos, eu continuava contando crônicas do Drummond. E onde se viu desclassificar esteticamente um corpo só porque ele tem 10 ou 15 cm a mais ou 10 ou 15 cm a menos do que o outro. Aí, as pessoas falavam assim: “Ronaldo poderia relacionar isso, poderia ter uma publicação de Drummond falando do corpo e da moda”. Eu falei: “Vou fazer isso pros amigos”. Eu brinquei, comecei a desenhar, é um livro totalmente artesanal, feito a mão, com capa dura de tecido, misturas de papeis. Foi um sucesso e hoje é um livro esgotado que a gente está relançando até o final desse ano, acrescentando mais 8 novas crônicas pra completar 30.

Ronaldo, então, a sua pergunta encomendada aqui o que tem a ver jabuticabeira com Drummond?

<risos>...

No caso da obra do Drummond, ela tem o registrado do tempo em situações que você olha a jabuticabeira toda seca e você fala: “Isso não vai dar um fruto!”... Então, esse nascer, crescer, ser batizado, casar, apaixonar, desapaixonar, envelhecer, morrer, na obra do Drummond isso pra mim é vivo no pé de jabuticaba. E isso está aqui nesse vestido que é num brocado super antigo, é um tecido meio que extinção, onde jabuticabas desse vestido são pérolas. E não tem folha, elas estão secas. E o outro aqui é estampado com uma carta do Mario de Andrade ao Drummond, de 1925. E aqui mais uma peça do Drummond com botão com a imagem do bebê em batismo. E por baixo o Drummond pop. O Carlos Drummond de Andrade na nota de 50 cruzados novos.

<música>...

Quando eu era criança o meu pai adorava pescar no rio Urucuia. Quando ele voltava das pescarias, as histórias que ele contava pra que a gente dormisse eram histórias das caçadas, da pescaria, do mato. E quando eu cresci tive um contato mais próximo com a obra do Guimarães Rosa porque era exatamente as histórias que os meus pais contavam. Então, pra mim era muito vivo isso. Aí, mais cedo ou mais tarde o Guimarães Rosa ia aparecer numa coleção. Como apareceu numa coleção de verão que adorei fazer.

<música>...

Nós temos a Noite nas Veredas desse, tem sempre uma cobra aqui por trás desse vestido de algodão e as estrelas da noite com pássaros. Esse aqui é

ausência de pássaros nas veredas, esse aqui é o Guimarães Rosa, esse vestido “Gaiola”, estampado com gaiolinhas de madeira.

Ronaldo da onde vem essas referências todas literárias? Sua relação com a literatura, os primeiros livros que você leu...

Eu sou de uma época que as crianças no Brasil eram alfabetizadas com Manoel Bandeira, com Cecília Meireles, isso tudo na escola pública. Você tinha um contato mais próximo da literatura brasileira. E falar de Graciliano Ramos, falar de um Cabral de Melo Neto, você já tinha uma certa intimidade, eu me sinto meio que íntimo deles. E eu os adoro.

<música>...

8.4.

Entrevista com Ronaldo Fraga – TV Catarina

Entrevista audiovisual realizada pelo programa televisivo Catarina, exibido pela Record News SC, e produzido pela Revista Catarina. A entrevista foi exibida em 09 de maio de 2009 e está disponível em vídeo em duas partes:

Parte I -
<<http://www.youtube.com/watch?v=dZ6on46j5HE&feature=related>> e Parte II -

<<http://www.youtube.com/watch?v=zsmXQbWTBr0&feature=related>>.

Acesso em: 23 fev. 2012.

Em destaque, palavras de Ronaldo Fraga.

Parte I

Vim aqui em MG, em BH, pra fazer o “Minas Trend Preview”, porque não é só a fazer a Feira que acontece lá, a gente veio até a loja do Ronaldo Fraga pra conversar com ele. A nossa conversa vai ser um pouco diferente do que a gente costuma fazer no programa que é com microfone e tal. Dessa vez eu vou sentar na frente dele, a Bia vai dirigir e a gente vai fazer uma espécie de mini documentário. E tirar algumas dúvidas, aquelas dúvidas que a gente não consegue tirar durante a SPFW que é uma correria. Então, a gente vai conversar com ele agora.

<música>...

Eu sou Ronaldo Fraga nasci em BH há 40 e alguns anos atrás, 42 pra ser mais preciso. Estreei no Phytoervas Fashion, um evento dos anos 90, que deu origem até hoje ao SPFW. Passei pela Semana de Moda - Casa de Criadores e estreei no SPFW em 2001 quando o evento Morumbi Fashion passou a se chamar SPFW. Eu sou formado pelo curso de estilismo da UFMG, pela Parson’s em NY e Saint Martins de Londres.

Ronaldo qual a sua lembrança mais remota, sei lá, pode ser da infância, quando você descobriu que ia trabalhar com moda.

Eu tinha 7 anos, a professora na época passou um vídeo do Patinho Feio. E voltamos pra sala de aula, ela pediu que as crianças ilustrassem aquilo que tinha assistido. Eu desenhei um Pato de terno e cartola, todo arrumado e tal. Aí, ele disse que aquilo não existia no filme. “Ele virou um cisne, ficou bonito e ganhou uma roupa nova”. Eu sempre desenhei desde que me conheço por gente, hoje quando eu olho pra trás e falo: “Ele ficou bonito e ganhou uma roupa nova”...

Tem alguma música, alguma CD, algum cantor, ou você tem um estilo musical que te segue sempre?

Não. Eu não tenho estilo musical que me segue sempre. Eu sou enlouquecido pela música brasileira. Eu acho que poucos países têm uma música de tamanha qualidade como o Brasil. A minha música e o que eu escuto e que acabo consumindo tem muito a ver com a coleção que estou fazendo. Eu preciso ter definido uma música, ter definido uma trilha, pra mim meio que acaba funcionando a música como a fala, a voz da roupa. Eu acabei de fazer um evento, que foi a abertura do Fashion Trends, então, eu adoro acordeom. É um dos instrumentos que eu gostaria de aprender a tocar.
<música>...

Parte II

Desde o início quando no final dos anos 80 que ingressei no curso de moda, o que sempre me interessou foi a moda pelo verso cultural, de apropriação cultural, de transformação cultural. Muito mais do que a tendência: Qual o comprimento da calça da estação? Qual é a calça da estação? Isso transforma muito pouco ou quase nada. Eu acho que isso não nos acrescenta nada, só dor de cabeça. Porque a preocupação de quem cria perseguindo o futuro sem olhar pro passado, sem analisar o presente, quem consome também ficava sempre estudando. Eu tinha um professor que fala assim: “Tudo bem, mas se prepara porque você vai ter um caminho muito árduo e difícil. Porque é difícil falar de cultura no Brasil. Pense cultura brasileira com moda”. E eu insisti. Eu acho que foi uma aposta, quando eu pego entrevistas minhas de 15 anos atrás, 20 anos atrás, “Tem alguma coisa errada”, que dizer tem uma coisa boa, uma coisa ruim. A coisa boa é que eu já falava o que eu falo hoje. A coisa ruim é o que eu falava e falo hoje, <risos>..., é um disco. Então, esse problema eu acho que sim a moda, o brasileiro tem gosto por moda. A moda atinge a classe de A até Z. A mídia espontânea de moda só perde pra final de Copa do Mundo, quando o Brasil está jogando. Então, temos que falar de coisas que não são só saia. Eu procuro criar o mundo maravilhoso do Ronaldo e nesse mundo maravilhoso do Ronaldo, quando eu entro dentro dele parto do princípio que todo mundo entende o que estou dizendo. Todo mundo sabe quando eu cito Diadorim e Teobaldo, todo mundo conhece. Todo mundo conhece todo mundo, todo mundo conhece João Cabral de Melo Neto, então, no meu mundo maravilhoso, eu não subestimo ninguém. E se não conhecem vão adorar quando conhecê-los, é isso aí.

A gente falou de irritação. O que é que te tira desse dia a dia, do estresse... No lazer o que te faz bem?

Leitura. Eu amo um bom livro, eu amo aquele livro que você começa a ler e prende já na 1ª página e quando você termina você fica poupando palavras no final, páginas, para que o livro não acabe. E diariamente você morre de saudade daqueles personagens. Acabei de ler o “Leite Derramado” do Chico. É uma das coisas mais maravilhosas que eu já li. Eu fui fazer um seminário de moda com os empresários, eu tinha acabado de ler o livro no avião. Eu cheguei e mudei tudo: “Gente, hoje vamos falar sobre o ‘Leite Derramado’ do Chico, porque a moda está aqui, o nosso tempo está aqui. a tendência macro-global está toda aqui”.

E na última coleção você trouxe as crianças para passarela e aí todo mundo comentou. Como que é a tua relação com esses dois extremos da vida?

Eu sempre penso assim: Eu quero fazer uma coisa que se uma criança entrar vai amar, ela vai adorar estar aqui. E se uma pessoa de 100 anos chegar aqui, os olhos também vão brilhar. E chegar a esse outro público pra mim é chegar a esses extremos. A criança de 5 anos que brilha os olhos

com o seu trabalho, seu desfile, suas roupas, com o seu universo criado. E também uma pessoa que num primeiro momento tem a sensação que já viu tudo o que tinha que ver nessa vida. No caso do Giz, eu já tenho esse cliente lá na loja. Então não foi assim “Vou fazer para dar mídia”, não. Esse cliente com mais de 65 anos, ele veio com a coleção do Drummond. É um cliente cativo, só que ele não se vê representado em passarela alguma. E o conceito do giz, o espetáculo do Giz do Gira Mundo fala disso. Ele fala de uma bela história escrita numa lousa, mas que não vai resistir ao ser apagado com um pedaço de pano. Fala de fragilidade. Fala de abandono, de desamparo. Então, pra mim era quase que obvio que a modelo linda, loira de olhos azuis, ela não falaria bem a minha roupa.

<música>...

Mas você esperava que desse tanta mídia?

Claro que não. Eu sabia que corria um risco muito grande. Houve colegas que falavam: “Isso passou dos limites – Isso é jogada de marketing”... a pessoa não sabe o sufoco que eu passei e sabendo que estava correndo risco. Eu tenho funcionários ali e a coisa precisa vender, a coisa precisa render, eu preciso pagar salário todo início de mês. Até mesmo os patrocinadores não sabiam. Houve um patrocinador que desenvolveu um certo produto, e ele falava: “Eu vou ter direito as fotos das modelos depois pra colocar no meu site, na minha vitrine? – Vai! Com certeza! – E qual a modelo que vai desfilarmos? Isabela vai estar lá? – Não. Mas acho que vai ter uma parenta dela”... <riso>... Eu sabia o risco que corria ali. Porque as pessoas estão pra poder ver o bonito na passarela. A modelo perfeita, a modelo da capa e, no entanto quando você coloca a pele enrugada, aquele jeito de andar que já tem um outro ritmo, as artrites e as artroses, eu sabia que ou iam me apedrejar e eu terminava as coisas por ali mesmo ou iam gostar. Eu me políciei desde sempre, desde o início pra não pintar um sucesso, pra não acreditar no glamour. O glamour é quem compra. O glamour é a roupa que tem que estar pendurada, tem que estar linda, que foi linda na passarela, as pessoas claro acabam sendo guiadas por ele. Mas eu não acredito nisso. Isso é uma grande miragem, sucesso é uma grande miragem. Hoje existe um oásis no deserto e amanhã não existe mais. Claro que as pessoas vão escrever: “O desfile foi menos impactante do que o anterior”. Mas é a minha história que está sendo contada. Mas eu não perco de vista que eu não estou criando uma coleção. Eu estou construindo e escrevendo a minha história pessoal. E eu escolhi escrevê-la através da roupa, através da moda. Bom, estilista eu gosto de muitos, qualquer coisa que o Yamamoto faça, qualquer coisa que Issey faça. No caso dos belgas, eu acho que Margiela ultrapassou o limite da roupa. Ultrapassou o limite se é bonito ou feio. Tem um estilista que num primeiro momento não tem nada a ver comigo, mas que eu gosto muito é o Alexander McQueen porque com tudo, com crise ou sem crise, ele continua investindo no sonho. E eu acho que ele é um nome que a gente pode dizer que nessa esteira é uma peça que você pode comprar e pendurar na parede.

Ele tem o universo dele assim como você tem o teu. Não são todos os criadores que têm esse universo.

E ele traz uma coisa que está perdida infelizmente, eu morei muito tempo em Londres, eu amo Londres, eu amo a cultura inglesa, mas eu acho que Londres perdeu dos anos 60 até o início dos anos 90, Londres ficou chique. Londres ficou ...Eu acho que Londres ficou chata. McQueen preserva aquela coisa da contestação própria da cultura inglesa. E tem uma coisa também e aí eu acho que a nossa cultura encontra com a cultura inglesa, nós temos um humor muito próprio nosso. O brasileiro consegue misturar

tragédia e comédia como poucos países no mundo. E é isso que eu procuro não perder de vista.

Uma coisa mais fútil: O que você gosta de comer?

Eu sou extremamente glutão, sabe? Não tenho o menor problema, eu ‘amoooo’ comer. <riso> Não tanto quanto o Jum Nakao, ele come muito mais do que eu... <risos> Ele investe pesado na quantidade da comida. Eu não posso acompanhar ele porque galinha que acompanha pato morre afogada, eu morreria imediatamente. Mas eu gosto de comer comida do lugar. Quando eu chego em Santa Catarina: Ah! Comer aquele Joelho de Porco a Pururuca, delicioso que tem lá no Parque Malwee e é só lá.

Mas você cozinha?

Não. A minha mulher cozinha muitíssimo bem, então, eu fiquei super acomodado. Mas alguém tem que colocar a música, alguém tem que ver se a bebida está gelada. É esse o meu papel.

Tem tanta coisa ... Primeiro, eu não sei se é mania, eu sou bocão. O que é o bocão? Eu não tenho papas na língua. Uma vez eu escutei a Constanza Pascolato falando: “Olha, a idade nos traz poucas coisas boas. Mas uma delas é você falar o que tem vontade”. E eu falo o que eu tenho vontade. Eu faço modo por acreditar no poder de transformação. Transformação de olhar, transformação de relações, eu acho que como a cultura de moda a gente pode realmente viver um pouco melhor. A moda pode te estimular a ler mais, a viajar mais, a entender mais o outro, a entender mais o seu corpo. Eu não me canso de citar um poeta que fala: Os livros não mudam o mundo. O que muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas. E eu acho que a mesma coisa é com a moda.

<música>...

Pra você que trabalha com moda e trabalha com outras estéticas também, outras artes, qual é a mais importante pra você?

Eu acho que mais importante que alguém tem que ter muito claro e construir isso e ter isso muito bem definido, muito mais do que a profissão, é a sua visão de mundo. Eu tenho uma visão de mundo e trabalho com moda. Talvez se eu fosse chefe de cozinha, advogado, um pintor de paredes, talvez eu tentasse levar pra profissão o que eu tento fazer com a moda que é levar a forma como eu vejo, como eu penso, como eu analiso os mecanismos que eu tenho de transformação do mundo. Então, daí eu me sinto muito a vontade de estabelecer diálogo com outras frentes. Pra mim não é um peso de virar e falar assim: “Ah tá, se eu tiver uma grana e me derem uma câmera eu vou fazer um filme”, eu vou adorar fazer um filme. Eu adoraria entender mais de música para fazer música. Às vezes eu penso assim: “Gente, no meio de tudo igual essas histórias assim, eu mudasse de profissão? Eu fosse fazer uma outra coisa”... Hoje a moda me seguiria em qualquer uma delas.

8.5.

Reportagem com Ronaldo Fraga – Programa Ação

Reportagem audiovisual realizada pelo Programa Ação da Rede Globo, exibido em 10 de setembro de 2011 e disponível em vídeo no endereço eletrônico: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/acao/v/estilista-retrata-em-exposicao-lendas-e-cenarios-do-velho-chico/1624708/>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

Ronaldo Fraga: Desde quando eu me conheço por gente, o rio São Francisco é vivo na minha memória. Eu me lembrava que te um ditado, uma fala, do ribeiriho, em qualquer parte, nestes cinco estados por onde passa esse rio São Francisco, que eles dizem cuidado: uma vez que se bebe a água do rio, o rio nunca mais sai de você.

Repórter: Acompanhamos Ronaldo Fraga em uma visita a Entremontes, um pequeno povoado da cidade de Piranhas.

Ronaldo Fraga: Bonitinhas, então é a aqui que ficam as gatas bordadeiras da cidade. A família toda sempre bordou?

Bordadeira: Tudo borda, de geração, de avó pra mãe e de mãe pra filha.

Bordadeira 2: Aprendi com a minha mãe.

Ronaldo Fraga: E sua mãe aprendeu com quem?

Bordadeira 2: Aprendeu com a minha avó.

Ronaldo Fraga: E sua avó aprendeu com quem?

Bordadeira 2: Com a mãe dela.

Ronaldo Fraga: Que aprendeu com a Maria Bonita? (risadas)

Ronaldo Fraga: A renda filé você lembra de Alagoas. A renda de bilro você lembra do Ceará. E agora o rendedê, você lembra dessa região. Você sabe me dizer por quê?

Bordadeira 2: Porque só nós aqui é que fazemos assim com muita qualidade. Entendeu?

Ronaldo Fraga: E você acha que essa renda veio com o rio? Que esse ponto de bordado, esse ofício, veio com o rio?

Bordadeira 2: Acho que sim.

Ronaldo Fraga: E você sabe quem trouxe pra cá?

Bordadeira 2: Não!

Ronaldo Fraga: Ouvindo estas histórias, eu vou à história lá no início da colonização do Rio São Francisco quando os portugueses morriam de medo de sair desbravando qualquer rio. Eles mandavam subir os barcos com os cristãos novos, os judeus que vinham de Portugal, os negros e os índios. Então, muito do que você vê da estética, da história, da cultura, do bordado, da culinária, tudo isso vem dessa mistura destas três raças.

Ronaldo Fraga: Um bordado longo que eles tinham que tirar o fio do próprio tecido e fazer porque eles não tinham a linha. E é lindo isso hoje é uma marca que transcendeu o tempo. Hoje, existe algum desenho que você possa falar que se minha mãe fosse um desenho de bordado ela seria esse?

Bordadeira 2: Existe. Aquele ali. Um coração!

Ronaldo Fraga: Deixa eu ver....Qual é o nome da sua mãe?

Bordadeira 2: Esse aqui. Auxiliadora!

Ronaldo Fraga: Se a Auxiliadora fosse um ponto de bordado, um desenho, seria esse!

Música

Ronaldo Fraga: E as lendas?

Bordadeira 2: A do Nego d'água, quando eu ia pro rio pequenininha, que eu queria ir pro fundo e minha mãe dizia: venha pra cá...Nego d'água vai lhe pegar! Sempre existiu!

Ronaldo Fraga: Você já tentou bordar estas lendas?

Bordadeira 2: Ainda não!

Ronaldo Fraga: Então borde porque existe pouquíssimos registros. Essa cultura é muito oral do Rio São Francisco. Então ela precisa ser escrita. Eu acho que a escrita do Rio São Francisco tá aqui.

Ronaldo Fraga: Você consegue lembrar assim a toalha mais linda que você já fez?

Bordadeira 3 (Eliane Gonçalves): Todas as que eu faço eu acho bonita.

Ronaldo Fraga: Então você gosta de ser uma gata bordadeira?

Bordadeira 3: Adoro!

Ronaldo Fraga: Isso aí, minha linda!

Música

Jornalista: Como você transformou toda essa sua pesquisa, toda essa sua viagem, num desfile, numa coleção de moda?

Ronaldo Fraga: Juntando esses elementos, organizando meu material de pesquisa, meu deu vontade de fazer mais. E não era mais uma coleção. Eu queria expor pras pessoas o material de pesquisa que desenha pra mim o Rio São Francisco. E nasceu a idéia da exposição. Começamos em Belo Horizonte no Palácio das Artes onde a exposição bateu recorde de visitação da história do Palácio das Artes. Em seguida, foi pro Pavilhão das Culturas Brasileiras no Ibirapuera em São Paulo. Também foi um grande sucesso. E agora ela vai pra o Rio de Janeiro em outubro.

Musica

Monitora da exposição: Essas paredes são telas de tear. Como vocês podem ver, essas telas são usadas pelas teadeiras lá da região das comunidades ribeirinhas.

Ronaldo Fraga: Quando eu pensei a exposição, eu queria que as pessoas dentro, neste lugar, tivessem a sensação de passear por essas faces, essas diferentes faces do rio, que eu insisto tanto em dizer: o rio São Francisco da festa de devoção, o rio São Francisco do gosto e dos cheiros dos mercados, o rio São Francisco da vista dos vapores, Rio São Francisco dos caixeiros viajantes, o rio São Francisco não existe mais, o Rio São Francisco político – que é impossível você falar do Rio são Francisco sem postura política, daí representado por um vídeo maravilhoso feito pelo Wagner Moura que tem uma história também íntima ligada ao Rio São Francisco.

Musica

Texto do vídeo:

Wagner Moura: Olha como era bonito o rio. Virou um lago feio e fedido.

Filho de Wagner Moura: É um lago feio e fedido?

Wagner Moura: Agora é um lago feio e fedido. Mas antes era um rio lindo. Cheio de peixe.

Pai de Wagner Moura: Silenciosamente, a coisa aconteceu. Foi desastroso.

Outro vídeo mais antigo que o anterior.

Pai de Wagner Moura: Minha pequeninha Rodelas, meu berço, minha terra.

Wagner Moura quando pequeno: Não dá muita vontade de mudar não. Mas agora que já mudei...

Retorna ao Wagner com seu filho:

Wagner Moura: O que aconteceu ali, filho é que essa era uma cidade que as pessoas moravam nela, ficava na beira do rio. Aí os homenzinhos resolveram que tinham que encher o rio muito e essa água do rio ia inundar a cidade. Ia ficar encoberta a cidade daí tiveram que construir outra cidade para as pessoas morarem porque aquela cidade onde as pessoas moravam ia ficar debaixo d'água. Sacô?...Entendeu mesmo?

Ronaldo Fraga: O Rio São Francisco da literatura, vestidos que as pessoas pudessem abraçar, pegar e com o sensor que elas escutam Bethânia, Maria Bethânia, pra mim é a outra voz do Rio São Francisco, a grande Bethânia, declamando ninguém, ninguém menos, do que Carlos Drummond de Andrade, o poema Águas e Mágoas do São Francisco. Um poema escrito em 77 que quando você lê você diz: Não. Isso foi escrito agora!

Maria Bethânia: na carranca dos remeiros / (memória de outras carrancas, / há muito peças de living), nas tortas margens que o homem / não soube retificar / (não soube ou não quis? paciência).

Ronaldo Fraga: É uma sensação muito cara que é a sensação de pertencimento. E, desde o início, o que eu procurava era isso: era estimular uma apropriação

das histórias do rio. Uma apropriação da alma do rio, que foi o que meu pai despertou em mim. Então, esse pertencimento, retorno que eu tenho recebido de brasileiros de todos os cantos deste país e tenho guardado e registrado isso, é emocionante.

Jornalista: Você fala também que você tá com uma ideia que isso não pare por aí.

Ronaldo Fraga: Claro! Que no final da exposição, a minha intenção é essa, de todo o roteiro, que essa exposição possa ser doada a uma cidade ribeirinha e quem sabe começar aí, servir a partir daí, como um ponto de partida para a construção de um memorial ao Rio São Francisco que nós ainda não temos.

8.6.

Entrevista com Ronaldo Fraga – Comunidade Moda

Entrevista audiovisual realizada pela Comunidade Moda no *São Paulo Fashion Week*, no desfile da coleção verão 2010/2011 *Turista Aprendiz*, em 14 de junho de 2010. O vídeo está disponível no endereço eletrônico: <<http://www.youtube.com/watch?v=lursvgnNKNg>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

Ronaldo Fraga: A renda vem do bordado. Tudo é entorno do bordado. Quando me convidaram eu adorei, porque eu havia estado lá 6 anos atrás, e o que era aquela cidade naquela época? Eram duas ruas com bordadeiras nas calçadas bordando, bordando, bordando, com as crianças sentadas. Nas casinhas delas, nos sofás, ficavam... Era a lojinha, o showroom, onde tinham as toalhas, onde tinha os panos bordados. Aquilo pra gente foi uma festa. Quando me convidaram, eu falei, mas é claro. Eu amei aquela cidade, voltei e aquilo mudou: não existem mais as bordadeiras na rua, não existem mais as lojinhas. Porque quem borda hoje, a maioria, a nova geração, aquelas crianças que cresceram, se tornaram adolescente, eles estão fazendo biquinho em toalha de poliéster da China. O ofício está se perdendo. E foi em função disto, aliás, que eu fui convidado a fazer este trabalho.

Ronaldo Fraga: Voltando, fiz um registro de memória de ofício onde eu registro com as pessoas, as antigas bordadeiras, pontos que estão em desuso, tentando definir qual é a vocação daquele trabalho de bordado e, claro, que registrei tudo isso em foto e escrita. Voltando, uma vez na estrada, eu vendo aquelas lotações, eu falei: o Turista Aprendiz está aqui! O que eu queria fazer com a obra do Mário, eu já to vivendo porque isso é o que o Mário de Andrade dizia. Então, quando eu digo Mário de Andrade, ele foi um ponto de partida. Não é uma coleção inspirada no Mário, mas inspirada no próprio ofício do Brasil bordado a mão, um Brasil que eu amo, um Brasil em que eu digo que neste lugar não existe avesso de feio. Você vai pegar um avesso de bordado que você não vai saber o que direito e o que é avesso. Mesmo o bordado mais feio, o avesso é lindo. Porque ali tem história, tem amor, tem desejo, tem esperança, tem herança. E eu acho que não tem como não se emocionar diante deste Brasil feito a mão, bordado a mão.

Ronaldo Fraga: O resultado é uma coleção feminina, uma coleção de braços e pernas expostos, de lugares quentes. É uma coleção onde toda peça bordada é 100% bordada a mão. Foi feita uma pesquisa de pontos da renda Renascença que estão se perdendo com o tempo, estão caindo em desuso, onde eu transfiguro: eu tiro esse ponto da estrutura da renda e levo para o bordado de bastidor.

Eu tiro pontos do bordado de bastidor e levo para o bordado cheio. Eu tiro desenhos do bordado cheio e construo um vestido de renda Renascença feito com eles. Uma pincelada de cor da memória. O que é cor da memória? Sabe aquela coisa: uma vaga lembrança de que aquilo era laranja e esse laranja é esmaecido, que é uma memória que se esvai. Então é uma coleção que mesmo a cor mais forte que é o marinho, é um marinho que é um azul mais céu também.

Ronaldo Fraga: Os tecidos são 100% algodão. O linho, que infelizmente, é um linho que tem que ser importado porque o Brasil não produz como produzia outrora na época em que elas bordavam muito. O que mais? É uma coleção também de textura, embora a coleção maior, tem uma família de estampas, nesta edição de desfile, vocês vão ver texturas onde eu privilegio justamente essa coisa de alguém que entenda uma roupa pelo volume da linha, pelo bordado... vocês vão ver vestidos bordados em bastidor sobre o tule que de longe vai parecer uma renda, mas, na verdade não são.

Entrevistador: Os seus desfiles são sempre muito elaborados tanto na parte de confecção das peças quanto a parte da passarela e a dinâmica do próprio desfile. Como é que você consegue trabalhar tudo isso? Eu fico imaginando numa festa como essa, que você teve que deslocar até a bordadeira, conversar com ela, trabalhar cada peça individualmente, como que é essa dinâmica? Você faz muitas viagens e volta? Como que é essa história de material? O material é dela ou você leva pra ela...

Ronaldo Fraga: Bom, eu estou trabalhando essa coleção desde fevereiro. E se eu tivesse mais 2 meses, ainda seria pouco. Eu acho que temos aqui um universo que é o universo do bordado brasileiro e claro que ele é muito maior do que isso. Eu poderia extrapolar muitas coleções com essa temática e de certa forma talvez eu já venha fazendo essa história. Eu tenho o prazer de pensar o lançamento, o desfile, a coleção, como um contexto. Eu preciso transportar vocês, eu preciso transportar o meu cliente, para um lugar que em poucos minutos possa parecer eterno. E principalmente possa parecer um lugar que você nunca colocou os pés. É por isso que eu amo. E por isso que às vezes eu tenho essa fama de centralizador porque eu preciso ter essa busca definida muito tempo antes. Eu preciso já saber que cenografia que vou querer colocar e que as pessoas depois vão transitar. E essa história da viagem já tem bem 6 anos que trabalho com comunidades do Brasil inteiro. Mas eu não tenho tido muito pudor em trazer isso de forma explícita para o meu trabalho. E analisando agora eu falei assim: "Gente! Eu de um lado estou tendo contato e abertura pro cliente que entende esse produto, quer comprar esse produto e do outro lado tem as meninas do outro lado do abismo que produzem e não têm como vender.

Ronaldo Fraga: Então, a partir de agora eu me descolei de projetos, projetos que hoje são sucesso como Talentos do Brasil. E desenvolvo projetos por pequenos grupos, com o apoio dado pelo Ministério da Cultura e governo de Pernambuco, onde daqui pra frente todas as bases projetos que eu me envolver esse produto, esse resultado, vai ser visto na minha coleção nas minhas lojas. Porque o meu cliente lia e ia até a minha loja e não achava aquele produto ali. E claro, tem dificuldade. Se eu sentar pra te contar, você chorar...

Ronaldo Fraga: Agora por outro lado eu sou muito habituado e tem um certo humor em lidar com a falta. Porque nós somos de um Brasil que falta. Falta tudo! É difícil de chegar. É difícil lugar pra dormir. É difícil lugar pra comer. Eu vivo eternamente no filme. Eu assisti a pouco aquele "Viajo porque preciso e Volto porque te amo", é o filme que estou vivendo...

Entrevistador: Você gravou essa viagem?

Ronaldo Fraga: Eu tenho registrado, um registro feito por mim mesmo. Eu comecei a pensar isso de uma forma mais séria e até documental mesmo. Toda a matéria-prima e levada e fornecida por mim. Porque o linho de qualidade, o tecido de qualidade elas não encontram mais. É difícil até quando você vê um bor-

dado lindo e maravilhoso, mas hoje é feito num linhão, de péssima qualidade, um algodão de poliéster. Elas chamam de algodão, mas é uma base de poliéster. O linho e o algodão que é lá de um parceiro que a La Estampa trás da Espanha, por exemplo...

Ronaldo Fraga: O trâmite, ele demorou um tempo pra chegar. E quando chegou isso foi modelado, foi cortado, e vai rodar Pernambuco a fora. E quando eu chego lá é uma maravilha. Eu acho que é uma forma, um caminho, em que eu me sinto a vontade porque nesse lugar eu sinto a moda viva. Eu acho que consigo entender uma justificativa desse grande circo da moda montado. E principalmente, eu me sinto um pouco útil.

8.7.

Vídeo *O Chico morre no mar* - Exposição Rio São Francisco

Vídeo que compreende o ambiente *O Chico morre no mar* da exposição *Rio São Francisco*. Editado pela *Mil Meios*, teve direção de Marcelo Belém. O áudio do vídeo foi gravado durante a visita da exposição em São Paulo em 31 de maio de 2011.

Todas as falas são de Ronaldo Fraga.

(...) Bom Jesus da Lapa, maritacas, dourados, caboclo d'água, mais do que isso, caixeiro-viajante. As águas do rio São Francisco são muitas e não cabem numa coleção, não cabem num filme, não cabem em nenhuma exposição, não cabe numa palavra. As minhas memórias são banhadas pelo rio São Francisco desde a infância. É muito viva a imagem do meu pai voltando de pescaria em Pirapora. Eu já amava esse nome, sem nunca ter estado aqui. E ele trazia dessas pescarias além daqueles peixes gigantes, ele trazia as rendas, as histórias... Histórias de peixes, de cobra que ria, histórias de tamanduás que abraçavam... História de um povo ribeirinho, um povo tão lógico quanto o próprio rio. Olhando essa imagem tenho sempre a sensação do que é um bordado, um bordado ponto a ponto, um bordado de história, um bordado de cultura, um bordado principalmente de sobrevivência.

<apito de trem>...

Em 2008 eu escolhi o rio São Francisco como tema da minha coleção de verão daquele ano. Era a oportunidade de realizar um sonho antigo, me aproximar desse universo que já me era tão familiar desde a infância, mas que eu ainda não conhecia. Por 2 meses eu viajei, vivi e bebi de todas as águas do velho Chico. A coleção trazia as cores barrigueiras, o amanhecer e o anoitecer do rio, os pontos de bordados de rendedê, Boa-noite, crivos, rendas, as sacas de café. As tábuas de madeira de lei que remendam os barcos e a alma ribeirinha. Tudo isso identificado pelo meu trabalho de moda. Como é dito por lá, uma vez que se bebe a água do rio, o rio nunca mais sai da gente. Agora, anos depois eu realizo outro sonho que é transportar o rio São Francisco para uma exposição, uma exposição itinerante e que fale para gente de todas as idades. Não é uma exposição de acervo, é uma exposição de uma viagem imaginária pelas várias faces do rio. O rio tem nos traz os cheiros, os sabores dos mercados, histórias de amor de idas e vindas de caixeiro-viajante, a devoção numa sala ex-voto em Bom Jesus da Lapa. Barricas, misturas, lendas, as cidades submersas pelas hidrelétricas, pelo progresso. A nascente que em que pinga a pinga se faz o mar. Tudo isso observado do convés do Benjamim Guimarães, o único barco a vapor em atividade no mundo. É o cenário desenhado pelo viés da moda para gente de todas as idades. É uma declaração de amor ao rio São Francisco e ao povo do rio. O povo do rio é o rio. O rio São Francisco é mais do que água, ele é gente, ele é

bicho, ele é lenda, ele é história. O rio São Francisco existe dentro de cada brasileiro. Nenhum outro rio desperta tanto afeto quanto o velho Chico.

8.8.

Entrevista Ronaldo Fraga – Programa Roda Viva

Entrevista realizada pelo programa Roda Viva, da emissora TV Cultura, e exibida em 31 de janeiro de 2011. Está disponível no endereço eletrônico: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/ronaldo-fraga-1>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

Em destaque, palavras de Ronaldo Fraga.

BLOCO I

Gabi: - Boa noite! O “Roda Viva” entra na moda e traz para o centro da nossa conversa de hoje um talentoso estilista, Ronaldo Fraga. Uma das estrelas da SP Fashion Week (SPFW) em cartaz na capital paulista. Os antigos e românticos desfiles de moda ficaram no passado. Manequim virou modelo, modelo virou top, top model, top business. Hoje por trás de qualquer top se esconde um cifrão ou melhor muitos cifrões. Só no ano passado foram 50 bilhões de reais em negócios no mundo da moda. Uma indústria que emprega mais de um milhão e meio de brasileiras e brasileiros. Ronaldo Fraga ganhou lugar de destaque nessa multidão e sempre surpreende na passarela e faz sucesso buscando inspiração nas suas memórias mineiras e no que há de melhor na cultura do nosso país. Pra conversar com Ronaldo Fraga estão comigo hoje Chiara Gadaleta, empresária e consultora de moda, o jornalista Eduardo Logullo, editor da revista “Mag!”, e os titulares do “Roda Viva” o Augusto Nunes e Paulo Moreira Leite. O cartunista Paulo Caruso vai acompanhar a conversa e desfilar algumas criações durante o programa. Ronaldo muito obrigado pela presença. Eu quero muito começar falando sobre a SPFW, mas eu não resisto...

<risos>...

Eu quero saber se o Ludovico, filho dele, se conformou você não ter virado roqueiro. Como é que ele falou pra você daquela vez?

“Meu pai, eu queria tanto que você “sêsse” roqueiro! Acabou sendo estilista”...

<risos>...

Agora se alguém tem que virar roqueiro é ele. Ou o Graciliano, o irmão. Mas eu acho que já desistiu.

Essa é a 15ª edição da SPFW, nesses 15 anos o mundo da moda brasileira mudou muito, o mundo brasileiro da moda mudou muito, bastante e se desenvolveu como nunca e você é personagem e também testemunha dessa mudança. O que aconteceu na tua opinião? Foi uma explosão de talento ou foi uma carona no desenvolvimento do Brasil, o que faz a moda brasileira de repente estar tão na moda?

Não foi só um único fator que determinou a cara da moda brasileira hoje. Falando de SPFW noutro dia me perguntaram: “Qual foi o legado do SPFW nesses 15 anos?” Eu poderia citar uma série, organização do setor pois faltava organização, organização de lançamentos. Antes do SPFW uma marca lançava uma coleção em janeiro e a outra lançava em abril. Fazia um desfile em abril, uns desfiles longos. O SPFW deu pra moda brasileira uma plataforma não só de lançamento, mas principalmente de exposição do que vinha sendo produzido no Brasil, para o próprio Brasil e para o mundo. Mas eu acho que a coisa mais importante do SPFW foi a auto-estima na criação de moda, uma nova geração de estilistas. Eles começaram a exerci-

tar e deslumbrar que amanhã de repente podem estar lado a lado com os grandes nomes da moda internacional.

E podem? Nomes surgem, aparecem, mas a moda me parece ainda de domínio europeu.

Olha, o que acontece..., bom, vamos entender qual a espinha dorsal da moda. O que é a moda? A moda é o registro mais eficiente que nós temos. Então, pode estar vazia, pode estar horrível, pode estar isso ou aquilo, mas ela sempre vai estar registrando o que está acontecendo com esse tempo. E depois o que foi as transformações imediatas com a globalização, com o encolhimento do mundo, o mundo está atrás do genuíno, nós queremos comer o *cuy* peruano, está aqui do lado e não conhecemos. Nós queremos consumir um design que saiu sei lá da Mongólia, por exemplo. O mundo precisa e está correndo atrás da descentralização.

O que é que distingue a moda brasileira da moda de outros países basicamente, Ronaldo?

Tem uma história, se por um lado a globalização como estava dizendo anteriormente padronizou todo mundo, você vai no Japão..., deixa o Japão de lado, mas você vai na Inglaterra, Londres, vai em NY, você vem em SP, você vê o jovem vestido da mesma forma. Mas tem algo aí que é de um swing, de um..., um grande exemplo é as modelos. “As modelos fazem sucesso lá fora, elas seguem o padrão anglo-saxônico”, mas quando você vê um desfile internacional, você nem precisa saber que ela é brasileira, quando ela entra na passarela, você pensa: “Tem algo de diferente”.

A modelo.

É. E isso acontece com a roupa porque nós temos a coisa da cor. Nós criamos mesmo copiando. Então, lembrando até os anos 70 quando do prêt-à-porter, aquela velha cena da madame chegando com o figurino na costureira, arranca a folha da revista e fala: “Eu quero exatamente igual a esse modelo! Só que invés do decote em V, um decote em canoa. Ao invés da manga armando, uma manga justa. Invés da saia rodada, afina porque estou meio gordinha. Mas é exatamente igual!”...

<risos>...

Então, a moda brasileira mesmo copiando, nós sempre copiamos de uma forma diferente do que o mundo copiava.

Mas Ronaldo você não acha então, então você está dizendo que a moda ficou geopolítica hoje. A gente olha a moda e ela é um reflexo geopolítico, você está falando da moda brasileira.

A escolha da roupa é uma escolha política, sem dúvida alguma.

<conversa paralela>...

Então, se existe uma crise agora na Europa, você acha que essa hegemonia no comando da moda no mundo que é deles ainda pode estar em perigo?

Eu não digo em perigo. Eu acho que essa descentralização é uma coisa que o mundo precisa até economicamente pra sobreviver. Nós vivemos uma época, eu estou falando de moda aqui, mas poderia estar falando de antropologia, por exemplo, não existe regra, é um mundo sem regras. A forma de ler as tendências mudou. Não tem interesse mais você discutir comprimento da estação, cor da estação, nós vivemos o consumo da diversidade, nós queremos o genuíno, é um consumo enlouquecido em cima disso daí e que o Brasil entra. Eu acho que estamos num momento excelente. Eu acho que é a nossa chance de encontrar um jeito nosso de pensar, de criar, de produzir e comercializar moda.

Eu queria perguntar uma coisa nessa linha, você foi um dos primeiros a realmente se inspirar no Brasil pra fazer moda, explicitamente. Você vê a sua roupa... E como é que você fez pra colocar o Brasil na roupa sem ser o Brasil da caipirinha, sem o Brasil do turista, sem ser o Brasil de Copacabana, é o Brasil que os brasi-

leiros reconhecem e não o Brasil pra turista. Como é que é isso, porque é o Brasil explicito, como que é isso aí? Foi da Inglaterra?

Não. Tem uma coisa Paulo, bom, eu sou da geração ali de 66, então, eu era um adolescente ainda na ditadura. Em BH quando se falava assim “Vai ter uma passeata contra a demolição do Cine MetrÓpole! E vai ter bomba de gás”... Eu falava: “Vai ser boa essa!”...

<risos>...

E numa dessa, no Brasil Nunca Mais, tinha um capítulo dedicado a Zuzu Angel. Quando eu li aquilo, a mulher era uma estilista.

Mineira, né?

Mineira. E a mulher usou a criação de moda como citação política. Eu deixei aquilo pendurado. Como eu desenhava bem e cai num curso de desenho de moda e era gratuito por isso que eu estava ali, eu não tinha grana pra fazer curso de desenho, então, qualquer um que fosse gratuito eu fazia. E, quando eu me assustei, já estava trabalhando no setor. E essa leitura sobre a trajetória de uma figura como a Zuzu Angel, que falava de apropriação cultural, falava de apropriação de uma identidade do Brasil, de um diálogo do Brasil, e a roupa como um instrumento...

Você gostava dela como estilista...

Não me interessava se a roupa era bonita ou feia, eu não via a roupa dela, era um texto, e esse texto me marcou e aí eu comecei, eu sempre tive, desde essa época, de pensar nos descobridores do Brasil moderno, e para mim, tem dois, que eu acho que eles são..., tem mais, tem cinco...

Quem são?

Eu acho que é Mario de Andrade, ironicamente é uma italiana que é a Lina Bo Bardi, temos o Tom Jobim e Chico e Caetano vai... Tem Dorival Caymmi também..., tem muito ainda né... E como que deixa Drummond de fora? Mas falando principalmente desses dois primeiros, da Lina e do Mário, a Lina tinha uma fala que era deliciosa, que era fascinada pela cultura brasileira, fascinada pela arte popular brasileira e um dia ela disse o seguinte: Eu sonho com o dia em que os talheres, as cadeiras, as casas, as roupas produzidas e consumidas pelas pessoas desse lugar possa trazer, pelo menos, vestígios da grandeza do que é essa cultura. Então eu acho que quando eu via essa história, e o Mario também falava isso já na semana de arte moderna, né, da necessidade de abraçar um país e que nós não colocamos a própria cultura brasileira pra trabalhar a nosso favor...

A gente vive até hoje isso, não é?

Ronaldo, a primeira vez que te entrevistei, agora estou me lembrando, foi em 1995, e você trouxe modelos, você tinha recém chegado ao Brasil, foi a época da sua coleção...

“Eu amo coração de galinha”.

Eu amo coração de galinha, isso.

Foi a primeira, né?

E entra uma modelo sua, ela tinha uma roupa que tinha galinha, ela tinha uma cabeça de galinha, não era isso?

Na verdade era uns Bombril. Até explicando melhor esse coração de galinha, que onde eu chego até hoje, as pessoas vem me servir coração de galinha, e eu odeio coração de galinha, aquilo era uma metáfora.

<risos>...

E que metáfora era essa?

Ela primeiro falava de uma coisa que quem é da roça sabe, e eu sei disso muito bem, que se você pega e faz um círculo em volta da galinha na terra ela não pula isso, ela acredita nesse limite, então eu falei: Gente eu conheço tanta gente assim, que vive nesse risco no chão, tem medo de arriscar, tem medo de errar no corte de cabelo, tem medo de errar na roupa...

Você falou em limite, você acha que o mercado de moda no Brasil é conservador ou ele aceita novidades?

Eduardo, eu acho que aí entra o SPFW, também como um legado desses quinze anos que houve com a democratização da informação que chega imediatamente na casa das pessoas. Hoje nós temos um consumidor muito diverso. O meu problema hoje, não é de venda, é de produção, o meu problema hoje é das altas taxas de impostos que tem sobre o setor. Não é o problema de vender essa roupa, hoje, por exemplo, na minha loja, se eu resolvesse tirar dois anos de férias só reeditando coleções, eu poderia fazê-lo, as pessoas entram na minha loja falando assim: O que tem do Drummond..., o que tem aí da coleção do Guimarães Rosa, e eu acho isso fascinante. Agora, vão lembrar também o que é o fenômeno moda no Brasil, brasileiro tem gosto por moda e o que foi apresentado essa semana do SPFW, por seis meses entra em exaustão na casa das pessoas, desde a TV de assinatura, a TV pública, TV popular, tudo, as pessoas vão ser bombardeadas com isso.

Isso é bom ou é ruim?

Eu acho bom.

Você tem uma coisa interessante, você é um representante da moda, você tem uma relação de amor e crítica com a moda, não é amor e ódio, e amor e crítica, você sempre criticou muito a moda, até que você virou um representante de fato da moda. Se eu falo Ronaldo Fraga todo mundo sabe qual é o teu lugar, isso é estar na moda.

Quando analisamos, vamos falar do SPFW, mas tem o Fashion Rio, a diversidade é muito grande. Ontem teve o desfile da Colcci que foi um furor em cima da celebridade, pouco se falou de roupa, mas tem marcas que as pessoas vão para ver a roupa: uma Maria Bonita, uma Fulô, por exemplo, então, cada vez mais o setor está oferecendo para o Brasil uma diversidade muito grande de estilos, isso é novo no Brasil. Então sobre isso que eu digo e falo assim não sei se eu diria que esse consumidor é conservador, eu acho que já foi mais. Houve um tempo em que o grande referencial de moda no Brasil era só a novela das oito. Hoje é a novela das oito, a TV de assinatura, é a passarela, é a modelo, é uma série de coisas.

Você acha que as galinhas saíram daquele risco então?

Eu acho que a democratização da informação fez com que as pessoas, as poucos, entrassem no caminho para a conquista disso que é muito caro, que é o tal do estilo, só que para conquistar um estilo, isso é educação.

E individualidade não é, Ronaldo? Você está falando de estilo e individualidade, isso tem a ver uma coisa com a outra?

Flávia, é sua marca pessoal, só que o estilo, como a Lina Bo Bardi falava, não é só a escolha da roupa, é a escolha dos talheres da sua casa, a escolha da música que você toca na sua casa, dos livros que tem na sua estante. Isso vai desenhar a sua história... <conversa paralela>...

Ronaldo, a propósito, bem ligado a isso. Você disse numa entrevista de 2002, março, publicada pela Folha de São Paulo o seguinte, você pode dizer que não pensa mais assim: "Por mais liberal que pareça a moda nunca deixará de ser um lobo mau em pele de cordeiro, ainda que assuma ares democratas, sempre terá espírito de ditador, nesse caso, sempre ambicionará a uniformização de condutas". Nesse caso, os estilistas estariam a serviço de uma ditadura. Eu entendi mal, é isso mesmo, você pensa assim, o que significa isso.

É isso mesmo. Por exemplo, hoje a moda tem uma face democrática, é o do pode tudo, pode ter saia curta e pode ter saia longa também.

Mudou.

É, mas isso tem uma ditadura por traz, porque a ditadura da liberdade é a pior delas.

<risos>...

As pessoas falam: Eu não quero escolher, eu quero...

<risos>...

Sempre vai ter um balizador de mercado. É para vender, essa liberdade, essa diversidade de volumes e tudo é para pegar um público maior.

Quero fazer uma pergunta que tem a ver sobre isso aí, de massificação. Eu fui lá na sua loja sábado e eu vi aquela coleção que você fez em parceria com a chiclete Adams. Já que temos uma massificação, um monte de roupas com marca de chiclete no meio, não é parte desse jogo? Desse jogo de massificação, de ditadura, não é?

É. Tem uma história que é assim.

<burburinho>...

Deixa eu te falar o que está por trás. Quando eu fui convidado por essa marca, falei: gente a minha adolescência ficou há muito para traz, será que eles erraram de estilista? Chamaram para uma reunião, fui para essa reunião e falaram: Olha, aqui tem um livro com toda a memória gráfica da história do chiclete. Quando abri o livro era uma história maravilhosa. Nós gostaríamos que um estilista assinasse uma coleção. Eu falei: “Tá, mas até onde eu tenho liberdade, qual é meu espaço de manobra. – Total. Você escolhe nesse livro o que você quiser”. Eu escolhi aquele pacotinho de chiclete mini que tinha uma boquinha transparente, que isso me remeteu, me projetou a minha infância, era uma embalagem maravilhosa, um projeto gráfico maravilhoso, que como tudo que acontece no Brasil, tiraram de linha, essa embalagem não existe mais, não tem história. Então ali tem um registro gráfico, tem uma memória afetiva...

Mas não tinha também operação de marketing?

Claro que tem.

Desfile de moda...

Foi curioso, essa história para mim foi bem interessante porque quando eu apresentei para o pessoal do marketing falei: “Eu escolhi e quero trabalhar essa imagem”. Eles falaram: o nosso foco é o adolescente e esse adolescente não tem registro de memória disso. Eu falei: Trabalho só se for com essa imagem. Vamos testar. E foi um sucesso.

Você contou a história.

A memória gráfica da embalagem é tão eficiente que ela fala para minha geração, pela memória afetiva e para esse adolescente ela traz algo de novo, algo que está entre o infantil e o adulto, aquela coisa toda. Agora, não se iluda, por traz de tudo, no mundo moderno, você levantou, pôs os pés na sua cama, você está revendo alguma coisa.

Deixa eu falar uma coisa que acho que tem a ver com você que é como eu percebo um pouco. Na minha visão e na visão de várias pessoas você é um criador que podia ser cineasta, que podia ser escritor, que por acaso está fazendo moda, porque em cada roupa que você faz tem uma opinião, isso que você fala da política, não é uma frase de algum sociólogo, não, você está ali, você se sente, você poderia estar fazendo um filme, porque a moda para você virou forma de expressão sua, não é, é assim?

É. É assim, Paulo. Tem estação que eu faço novela. As pessoas acham que é um desfile, mas eu estou desfilando uma novela.

Como assim, explica um pouco mais.

Você roteiriza sua roupa quanto tempo antes que entra esse conceito de um desfile, por exemplo?

Eduardo, tem uma história que eu tenho coleções penduradas. Que são coleções penduradas...

Esperando a hora.

Coisas que eu falo assim: Ai, eu quero estudar mais sobre isso. Então isso vai virar uma coleção. Essa apresentada agora na estação é “Athos Bulcão”, ela tem vinte anos, foi a primeira vez que eu fui a Brasília, e quando eu cheguei no aeroporto de Brasília que eu vi aquela parede de azulejo do Bulcão, aquilo entrou em mim e não saiu mais. Em algum momento eu quero pesquisar isso. Como o meu trabalho me absorve muito eu vou falar a verdade, o que eu leio é o que eu estou trabalhando.

Não dá para ficar lendo...

Não dá, infelizmente. Daí eu pego e falo assim: “Eu quero viajar a América Latina, eu quero conhecer mais o Peru, eu quero ir para o México, quero ir para a Colômbia”, aí nasceu a Disneylândia, que é a Disneylândia latina apresentada duas estações a trás.

Ronaldo, queria falar um pouquinho só sobre esse discurso, esse diálogo que você estabelece entre a cultura e a moda. A gente sabe que não foi sempre assim, a moda não estabelece sempre esse discurso, e foi com você desde o começo. Foi difícil no começo?

Claro.

Se fazer entender pelo mercado de moda e pelo público, já que a gente está falando de venda.

Acho que teve dois pontos difíceis. Quando eu entrei para a escola, que era uma escola de moda da UFMG em Belo Horizonte, a primeira escola de moda no país, eu tinha um professor que falava assim: “Deixa eu te falar, é tão difícil vender cultura nesse país, ainda mais cultura com moda, você está ligado, você vai ter um caminho tortuoso e difícil”. Eu acho que me preparei para isso, entendeu. Eu brinco: “Eu prostitui muito esse corpinho para poder bancar essa história. Eu me prostitui como? Eu trabalhei para muitas empresas, muitas marcas de produção massiva, então eu fazia isso paralelo a minha marca. Na minha marca eu queria falar disso que eu falo. Esse foi um ponto. Outro ponto que sempre, minha plataforma de lançamento foi em São Paulo e durante muito tempo eu sempre recebi uma crítica, uma alcunha de forma pejorativa como estilista regional...

Você está falando de SPFW... <burburinho>...

São Paulo te criticava abertamente, é isso?

É o mineiro que viveu em Londres.

O que me salvava era isso: O mineiro radicado em Londres.

<risos>...

Eu fiquei radicado em Londres mesmo depois de quatro anos de volta ao Brasil.

<risos>...

Não existe uma agressão, porque a moda mineira é muito forte. A primeira escola de moda foi em Minas...

A indústria têxtil brasileira nasceu em Minas.

Pois é, não é engraçado que os brasileiros não reconheçam isso, só tratam como moda aquilo que é em São Paulo, no passado o que era no Rio, não existe uma coisa assim de Minas ser meio fechado um pouco?

Ai eu sou obrigado a falar de novo do Mário de Andrade. Quando terminou a semana de arte moderna de vinte e dois, ele reuniu na casa de Tarsila, estavam todos, ele falou assim: “Gente vamos fazer uma balanço do que foi essa semana de arte moderna”. E estavam todos, principalmente o Oswald estava se sentido o pavão, assim maravilhoso com o resultado, com a repercussão, aí o Mário falou: “Gente, espera aí, se a gente continuar nesse caminho sabe o que nós vamos continuar fazendo? Uma semana de arte paulistana, provinciana, olha o tamanho desse país. Eu fico constrangido de continuar fazendo essas coisas para meia dúzia de intelectuais numa metrópole. Isso só vai fazer sentido se o nosso pensamento entrar em diá-

logo com outras frentes desse país”. Todos aplaudiram, começaram por Minas, foram para Minas, a Tarsila na época foi a única que deu um resultado, fez um trabalho em cima das cidades históricas, mas voltaram para São Paulo e ele foi o único que teve coragem de ir para Santos, pegar um navio e fazer toda aquela viagem que resultou no livro “Turista Aprendiz” que ele fotografava e escrevia sobre a imagem, é um livro maravilhoso, um registro maravilhoso. Foram 2 anos.

Você achou necessário se transferir, você ter a tua loja em São Paulo também por quê? Isso continua em vigor?

Primeiro eu amo São Paulo, com tudo isso, São Paulo é generosa com as pessoas. Sempre foi muito generosa comigo e aqui eu desfilo, aqui eu lanço, aqui eu tenho desejo de consumo...

Aqui falam de mim como se eu fosse mineirinho...

<risos>...

Me tratam bem porque eu moro em Belo Horizonte...

<risos>...

O centro do Brasil é São Paulo.

A mesma coisa se eu morasse em Liverpool e tivesse que lançar ter uma loja em Londres.

Vamos falar de outra mineira. Você acha que o fato do Brasil agora ter, casualmente, uma mineira na presidência da república, isso pode mudar alguma coisa no panorama, no universo da moda. Uma mulher, estou dizendo uma mulher.

Eu não tenho grandes expectativas em torno se é mulher ou se é homem, mas os pensamentos, de que forma ela vai conduzir isso, e eu acho que ela começou muito bem. Aliás, a moda está indo muito bem nesses últimos anos de governo...

Você atribuiria a quê.

Primeiro é o seguinte: a gente está falando do segundo setor que mais emprega no país, que é uma coisa absurda, então não dá para esconder esse setor debaixo do tapete e a pressão é cada vez maior, do próprio setor, em cima do governo...

Começou bem por que nesse caso?

Eu vou explicar. Na gestão do Gil no Ministério da Cultura, foi a primeira vez que pensou-se em reconhecer a moda como vetor cultural. Foi aceita. O Gil saiu, Juca Ferreira deu continuidade ao projeto, somos quinze delegados representando o setor...

Ali no Ministério da Cultura...

Isso. Foi aceita, reconhecida como vetor cultural. A moda, daqui para frente, vai poder pleitear recursos do governo de lei valer como o cinema, como o teatro e tal... Isso é um grande passo. Onde que foi difícil quando o governo nos convidou: o próprio setor não se via como vetor cultural...

Foi difícil a organização, não é?

Uma reunião lá em Salvador, por exemplo, as pessoas falavam na definição das diretrizes: “Mas tem os impostos”..., eu falei assim: isso é Ministério da Fazenda não é aqui não...

<risos>...

É muito difícil, porque a moda, a espinha dorsal dela é uma espinha interdisciplinar, ela entrou pelo Ministério da Cultura, mas poderia ter entrado pelo de Ciências e Tecnologia...

Pelas leis de incentivo, vocês pegam patrocínio para que exatamente?

As quatro diretrizes base que vão definir a moda dentro do Ministério da Cultura é: memória, nós não temos um museu da moda no Brasil, o acervo, como muitos, Nei Galvão está se perdendo na Bahia, no sitio da irmã. Nós não temos um museu que poderia retratar esse trabalho da Zuzu Angel de uma forma bacana, esta em construção no Rio de Janeiro, mas é muito di-

fácil. Outra coisa, pesquisa, eu fiz uma coleção no ano passado com o apoio do governo de Pernambuco, curiosamente, um trabalho de registrar pontos de bordado em vias de extinção. Se um estilista resolve tirar dois meses da sua vida seis meses ou um ano, ele tem que bancar do próprio bolso se não houver esse interesse do mercado. Um estilista amanhã é convidado, como já aconteceu comigo, desfilando no Japão, se você não bancar do seu próprio bolso, é nesse lugar que poderia entrar o dinheiro público, não é para bancar confecção de ninguém e também no meio acadêmico, vamos lembrar que o Brasil hoje é o país que tem mais escola de moda no mundo. Não estou falando de qualidade, mas tem muitas escolas então há que se transformar isso e definir uma identidade no ensino de moda no Brasil. Quando você faz isso e investe num vetor que além de ser um vetor cultural ele é econômico, você pode imediatamente, além de ter produto de qualidade desenvolver um pensamento de todo um país em cima daquilo que as pessoas estão escolhendo para vestir ou não. Então: história, memória, capacitação, pesquisa e eu acho que é uma das primeiras portas, mas eu espero que com isso a gente consiga entrar no Ministério da Fazenda, Ministério da Educação. É isso daí.

Tenho que acabar esse primeiro bloco. Logo depois do intervalo nos voltamos com Roda Viva com Ronaldo Fraga e o mundo da moda. Até já!

BLOCO II

De volta com “Roda Viva” e a moda brasileira de Ronaldo Fraga. Terminamos o 1º bloco com você explicando qual a intenção do incentivo fiscal, você citou pelo menos 3 museus, que estariam aí nesse projeto. Aí eu pergunto: A moda brasileira já tem história suficiente? Você pode me citar um pioneiro da moda brasileira e quando ela nasceu ela já tinha características nossas ou ainda era uma cópia de moda européia?

Mais uma vez a moda retratando o tempo em que vivemos aquela virada dos anos 50 pro 60, onde tudo mudou de cenário, o jeito de vestir, o jeito de morar, o jeito de ouvir música porque veio bossa-nova e tudo, até aí era literalmente a cópia do que se fazia lá fora, em detrimento no clima do Brasil. E nos anos 60 pra citar um teve o Denner, por exemplo, que foi um dos grandes pioneiros da moda brasileira. Até aí eram casas francesas, entre aspas, no RJ. Todo mundo consumia a corte. A ida também da corte para Brasília, a descentralização e ascensão de SP como a grande vitrine da moda, também veio desse momento. E temos histórias sim, temos no mínimo 60 anos de história na moda pra pode ser registrado e isso não é pouco pra um país novo como o Brasil.

A gente não tem, não é Ronaldo, porque a faculdade de moda raramente se vê um livro sobre a moda brasileira, efetivamente, de pesquisa. É isso que você está falando, né, desses incentivos também.

Sim, eu acho que, por exemplo, não é só estilistas, não é fazer museus de estilistas. Eu adoraria no futuro, por exemplo, entrar num museu de literatura, não, adoraria chegar em Recife e falar assim: Tem um museu da moda que só tem roupas da Clarisse Lispector. Adoraria entrar numa casa...

Não, por exemplo, a pessoa que escreveu sobre moda e foi redescoberto pelo Humberto Werneck, que é o Carlos Drummond, que nos anos 20 escrevia muito sobre moda...

Muito...

Qual o valor dos textos do Drummond sobre moda, porque ...

Deixa eu falar, Drummond é um dos maiores estilistas que o Brasil já teve...

<risos>...

Esse gosta de mexer com socialista, todo mundo é estilista.

Deixa eu te dizer. Olha a lição que ele nos dá. Tem uma crônica dele, de 22, que ele ainda assinava sob o pseudônimo de Antonio Crispim no Diário da Minas, que depois veio a se tornar o Estado de Minas, ele dizia assim: Para essa estação a moda nos traz péssimas notícias.

<risos>...

Tá bom Drummond, os cumprimentos estavam mais longos, seremos privados das lindas pernas das moças no bonde ao fim da tarde, mas nem tudo está perdido, porque quando descem os cumprimentos dos vestidos, descem também a altura dos decotes...

<risos>...

Então, quer dizer, isso você não precisa ser um pesquisador para entender, realmente, subiu o comprimento, você vai ouvir falar de decote canoa, decotes profundos, o longo está de volta. Tem uma onda de prestos e cinzas, aguarde que vão vir os cítricos, depois dos cítricos, geométricos, então, a moda vive nesse caminho cítrico, que entender uma tendência e o tempo de duração dela, você tem que observar o mercado.

Eu soube, por exemplo, uma vez e acho que foi Constanza Pascolato que me contou isso, que 5 pessoas mandavam, na verdade, na moda anualmente, que eram as pessoas que sentavam e discutiam assim: “Olha, este ano sobrou tal tinta e a cor que tem que entrar na moda é esta.” Isso é verdade? E dura ainda?

Isso foi na Europa, durante um tempo que tinha uma hegemonia da moda com um grupo muito reduzido...

E a gente copiava aqui.

Só que, aí o Brasil entra o figurino. Aí, vem a Helena Gastal numa novela – Água Viva – tinha o personagem da Beth Faria que viveu parte dos primeiros capítulos usando roxo que era a cor da moda e quando tem uma reviravolta com o personagem ela fala assim: Eu não visto mais roxo, eu odeio, mudei, eu não vou usar roxo, só vou usar branco. As lojas estavam lotadas de roxo, enlouquecidamente, acho delicioso isso.

Uma roupa sua entra na novela, o que acontece? Explode?

Ela traz o consumidor da novela para dentro da loja. Eu acho essa diversidade maravilhosa.

Populariza.

Eu adoro esse, não sei, prefiro dizer democratiza.

Isso eu acho interessante Ronaldo, eu li no Valor Econômico, uma entrevista de 2001, que você fala, você estava falando, desculpe, da Colcci ontem que tinha o Ashton e a Demi Moore....

Esse auê.

Esse auê todo de Hollywood internacional e da Globo nacional que os estilistas fazem, e vi também que você jamais traria uma personalidade internacional nem de novela, num desfile seu para desfilar. Você continua pensando assim?

Não é que eu nunca traria, primeiro que eu acho que elas dão trabalho demais e eu prefiro gastar de outra forma. Teve um desfile que foi uma coleção, uns cubos de madeira, que as modelos subiam e desciam no caça-palavras, e eu precisa de uma modelo para sambar em cima de uma caixa de madeira. Falei: gente, mas como eu ponho uma modelo para sambar. Aí, numa festa, eu conheci a Maria Luiza Mendonça, ela falou assim: Eu sambo muitíssimo bem. Então Maria Luiza, vai lá sambar.

<risos>...

E ela abriu sambando, maravilhosamente bem, depois até tem uma cena dela no Carandiru que ela samba, é maravilhoso. Então, nesse contexto, tinha uma história que desenhava bem o que eu estava querendo dizer.

Mas não como instrumento.

Deixa o Eduardo fazer uma pergunta.

Eu tenho tanta história para contar...

Moda é tecido. Quais são as relações entre o setor têxtil e os criadores de moda no Brasil?

Outro dia me perguntaram: Onde que temos para evoluir? Porque se tudo correr bem, continuaremos com dois braços e duas pernas, então não adianta inventar blusa com quatro mangas que esse negócio não vai colar. É justamente no setor têxtil, principalmente no Brasil. A indústria têxtil brasileira, praticamente, quase que foi a banca rota nos anos 90. Foi uma década muito difícil, ainda tem sido uma década muito difícil, perdemos grandes tecelagens que é inacreditável, por exemplo, que a gente não tenha a Braspérola. O Brasil que já foi um grandes exportador do linho, hoje eu preciso comprar o linho da Espanha.

Mas, por que isso, por que houve essa banca rota?

Falta de investimento, falta de...

A importação também, importação de chineses, tem alguma coisa assim?

Não, ai foi o início da exportação chinesa. Claro, houve uma abertura do mercado e nos fomos pegos de calças curtas. Nunca houve nenhuma iniciativa política que olhasse esse setor da forma como ele deveria.

Ronaldo, eu queria retomar a questão das modelos. Você disse que num desfile qualquer no exterior você identifica a modelo brasileira, agora, você disse, uma reportagem publicada sobre você registra um diálogo muito interessante que você teve com uma mulher que quis saber o que você tinha a dizer para que a filha virasse modelo e a sua resposta foi: A senhora gosta mesmo dela? Então esquece esse negócio de modelo e põe a menina para estudar. Se todas as mães seguissem esse conselho quem iria desfilar as suas roupas?

Eu fiz um desfile, que era o Giz, que a modelo mais nova tinha 65 anos, foi um dos mais lindos que eu fiz, tá.

E antes disso você fez também um, era lindo esse, mas antes disso você também fez um desfile sem modelos.

Você continua recomendando as mães que ponham as filhas para estudar?

Continuo. É um mercado muito cruel. Eu fico penalizado quando uma menina explode com quinze, dezesseis anos e com vinte e um anos ela já esta velha para o mercado. Gisele Bündchen é uma em quantos milhões. É triste você chegar numa agência em São Paulo e parar ônibus na porta despejando cópias da modelo, réplicas, clones de Gisele.

E elas começam a sair de cena com que idade mais ou menos, hoje?

Olha, o tempo do mercado hoje, quando uma modelo faz muito, muito sucesso, a Gisele é um caso a parte, é algo em torno de seis anos de muito sucesso.

É cruel.

Porque o mercado está saturado, a oferta, a demanda...

Ai, quando as meninas saem, elas não estudaram, pouquíssimas são as que, tem até tempo, não tem como, é muito cruel.

Espera ai, eu quero falar uma coisa importantíssima: Ele veio aqui, foi, visitou, leu tudo, agora quero fazer umas perguntas também. Venha cá, e essa história, já que estamos falando de modelo, essa história da androginia, esse auê, esse furor que causa uma transexual, me parece que os transexuais entraram na moda e outra vez de volta a esqualidez, eu estava vendo alguns dos desfiles pela internet, estão pernlongos outra vez.

Anorexia.

Eu queria perguntar: anorexia, eu queria saber se você acha que os estilistas poderão fazer mais para combater a anorexia, para fazer com que esse padrão que realmente leva as meninas, a gente vê, elas começam a ter uma questão com imagem, elas começam a ter distorções da própria imagem, tem uma postura quase muitas vezes, e até morre, porque elas não conseguem comer...

Porque é doença a anorexia, então, retomando a pergunta, para terminar a minha.

Está certo, ninguém está aqui competindo, estamos colaborando, mas assim, como é...

Espera aí, espera um minutinho só Paulinho, então, isso que ele colocou, e mais detalhes da anorexia, o que eu gostaria que você disse-se é: primeiro, Qual a sua posição com relação a essas escolhas, essa moda que também vigora no biótipo da modelo, eu queria que você falasse sobre isso, sobre esse, é modismo esse negócio do transexual agora, essa androginia também, qual a sua opinião e o que você leva para a sua passarela?

Bom, isso é modismo sim, eu acho que a moda se ocupa disso o tempo inteiro, de tempos em tempos, teve, por exemplo, a Heroína Chique com a Kate Moss que personificou isso nos anos 90, então ficou meio que a cara daquela época. Agora, tudo isso também é consumido muito rápido, na próxima estação já virou antigo esse assunto, já virou antigo falar de transexual. No meu caso particular, gente, eu crio ali uma narrativa, um exemplo, vou falar dessa coleção que eu estou falando de Athos Bulcão que a grande marca dele foi o cara que imprimiu alegria e um olhar de criança sobre a sisudez do concreto modernista. Como que eu coloco uma menina com cara de doente, esquelética, magrinha, com cara de triste se eu estou falando de alegria, se eu preciso transportar e falar: Olha, mesmo o cinza de Athos Bulcão, o cinza do Athos Bulcão era alaranjado, ele era laranja, ele era solar. Então, no meu caso particular, nas minhas coleções, eu me sinto livre para de acordo com a narrativa, de acordo com a pesquisa e com o tema, trazer um *casting* que fale disso.

Mas isso no exterior também? Você leva, vamos dizer, quando você apresenta os seus desfiles no exterior, porque esta coisa da esqualidez, da anorexia, eu sei que foi a França que trouxe de volta, houve um movimento, até pouco tempo atrás, não muito tempo atrás, que estavam batalhando pelas meninas mais saudáveis e aí isso regrediu, e voltou para a magreza total. Você quando apresenta no exterior, você tem as modelos mais cheinhas e alegres ou você tem que seguir o padrão.

Vou dar dois exemplos. Eu fui fazer um desfile no Japão e quando eu cheguei estávamos fazendo um *casting* dos japoneses, tinha outro estilista brasileiro e ninguém selecionava as japonesas, eu falei: gente se eu vou desfilar no Japão quero que desfile as japonesas, lindas, maravilhosas, modernas, colocava as roupas elas transformavam, e ninguém pegava, todos queriam as louras russas ou brasileiras, as brasileiras eram as escolhidas, a TOP. Outra situação: quando eu fiz o desfile do giz...

Japonesas, o desfile foi lindo, a Nara Leão, os japoneses fascinados pela Nara, a Fernanda Takai cantando, a trilha foi linda, depois um outro desfile que foi o Giz que eu falava de abandono e desamparo, eu coloquei na passarela: crianças e velhos e ritmos diferentes, no dia seguinte eu embarquei com essa coleção para desfilar no México, na cidade do México, eu levei a mesma coleção, e lá foi desfilar a mesma roupa em modelos tradicionais desse *casting* o que está usando, descem as esqueléticas, entendeu...

Então é uma exigência mesmo do mercado.

É uma exigência. E foi muito curioso porque os jornalistas de lá tinham visto, acompanharam na rede a repercussão do desfile aqui e eles falaram: porque você não fez com senhores e senhoras aqui no México, nós precisamos disso. Eu até queria mostrar a roupa em duas situações, a roupa no corpo de meninas de vinte anos no máximo e a mesma roupa na modelagem de uma senhora de setenta anos mais ou menos.

Essa maneira de mostrar... já vi todos os seus desfiles, essa maneira de mostrar convencional que acho que você foge um pouco, mostra mulheres mais velhas

ou crianças ou não manequins, enfim, acho que a maneira convencional dessas esquiladas que a Gabi falou não é muito brasileiro isso. Não é o biótipo brasileiro. Como você vê, é uma distorção completamente...

Não, não é, mas o padrão de beleza no mundo é regido por um só: o tal estilo anglo-saxônico, não adianta...

Você não acredita que a gente pode insistir, assim, você como estilista não podia insistir...

<conversa paralela>...

Os estilistas poderiam ajudar nesse sentido?

Para evitar a anorexia. Isso a você falou é muito importante: “Estudem, por favor!”... Mas e o resto de empregar menos, sei lá, de selecionar diferente, de ter um movimento realmente. Eu sei que você está fazendo o seu, mas isso não adianta você é uma andorinha, né? Não podia ter um movimento mais sério, mais amplo dizendo: Olha! Vamos parar com isso? Sei lá! Isso leva a morte.

Claro. E isso no ano passado se discutiu muito no mundo inteiro. Essa história que a Gabi lembrou muito bem aqui, mas acabou caindo num discurso professoral numa história que depois as pessoas enjoaram: Ah não! Traz alguma coisa nova!

... Politicamente incorreto.

Isso. Mas eu acredito sim nas andorinhas que vão fazendo o verãozinho delas. No meu caso, como herói da resistência naquilo que eu acredito, o meu cliente também pensa assim. Hoje nós vivemos numa adversidade tal, que o mundo oferece muitas coisas, não é só um caminho. Eu acho que a formação cultural e a educação de um país é que vai definir o que elas vão consumir. E a forma como que eles vão consumir. Então, da forma como vivemos no Brasil, ainda eles vão querer continuar consumindo a imagem lá de fora. Aqui eu ouvi a discussão em torno da cota de negros. Vai numa agência e tenta fazer um desfile com 30 negras.

Não tem.

Não tem! São 2 ou 3 que são as mesmas que trabalham sempre.

E por que não tem?

Na época se discutiu muito: “O mercado não absorve!”...

Não investe.

Não investe. “Exige um certo cuidado porque o negro ainda não..., vem de uma camada”...

Preconceito disfarçado.

<burburinho>...

Por conta do modelo anglo-saxônico imposto...

<conversa paralela>...

As negras que fazem sucesso têm nariz fino, como a Naomi Campebell.

Cabelo liso.

Cabelo liso, então, está lá a chapa gritando. Agora tem a Alek Wek, maravilhosa, até lançou agora a biografia dela. É uma refugiada de guerra, explodiu em Londres, na Europa ... <conversa paralela>...

Eu nunca mais vi, mesmo.

Ela não está mais trabalhando.

O que aconteceu com o vestido de noiva? Por que todos vocês devem se lembrar que todo desfile de moda terminava com vestido de noiva?

<risos>...

O que representava ou o que representa ainda um vestido de noiva para um estilista?

O vestido de noiva saiu...

Você faz?

Eu faço. Ele saiu desse lugar de fechar o desfile porque o mercado de noiva cresceu.

Profissionalizou...

Hoje uma pessoa quando senta pra ver um vestido de noiva, ela precisa ver 50, 100 vestidos...

<burburinho>...

Eu faço sob encomenda, eu faço pouquíssimo, porque dão trabalho de mais...

<conversa paralela>...

Como que é uma noiva sua?

Ah, tem várias!

Eu quero saber se você cai no tradicional.

Porque é que eu gosto de noiva, quando eu sento com a figura e ela diz: “Eu estou aqui porque não encaro esses vestidos armados! - Eu quero te contar um pouco da minha história e vamos bater um papo e vamos ver o que sai”... De imediato, eu lembro de um vestido marfim e que eu acabei fazendo um monte de rosas, independentes, inclusive com espinhos de tecido, como se eu estivesse despejado as rosas naquela menina. Eram bordados com essas rosas e cabos saindo. Ela ficou linda!

Você fala muito em memória também, de que modo você preserva o seu acervo? Você fotografa, filma..., pra lembrar dessas coleções passadas.

O meu acervo é um caos... No ano passado eu mudei para um espaço maior. Antes a minha estrutura funcionava sempre em casas antigas que eu adorava. Chegou o momento que não dá mais. Assumimos um galpão de fabrica e aí sim eu tenho espaço pra acervo e está sendo fotografado e peças estão sendo refeitas. Eu tenho esse registro de 2000 pra cá. Os anos 90 tudo se perdeu.

Aahhh! As galinhas?

As galinhas! Não tem uma galinha pra contar a história.

<risos>...

E esse ano eu lanço um livro que é na verdade os meus cadernos de coleção. Os *sketchbooks* que originaram a coleção.

Você entrou na era virtual ou você continua preferindo croquis?

Eu entrei. Mas eu desenho sempre. Então toda coleção eu desenho os 20 primeiros croquis, os 20 primeiros *looks*. Até mesmo se eu não quisesse hoje a imprensa, a SPFW já liga pra minha assessoria: Os desenhos do Ronaldo. Porque são poucos os que desenharam.

Ronaldo, eu queria aproveitar o seu talento, o seu humor aí na definição, de estilos, pra tentar qualificar o modo de vestir de algumas pessoas. Você disse, aparece aqui que na eleição de 2006, você definindo o estilo da Maria Helena como “Beata Salú”. Depois você definiu o do Lula como “Vamos agradar aos banqueiros”... E também você ironizou o estilo do cinza Brasília, dos deputados. Como é que você define o estilo da Dilma Rousseff?

Na verdade, nessa época aí era uma coisa que mandaram as imagens: “Como é que você vê fulano?”... Eu não gosto muito de entrar por aí...

<risos>...

Vamos até entrar pra polemica aí, porque a Dilma não tomou posse vestida de um estilista, um designer, isso gerou muita discussão. Ela optou pela costureira dela lá do sul.

Outro dia quase mataram a senhora Obama porque ela vestia um McQueen.

Isso!

<risos>...

Hoje eu só diria: O que ela vai fazer com o vestido...

<conversa paralela>...

Ela pode vestir o Paraguai, ela pode vestir o que for. Eu acho que a Dilma..., correta, é uma imagem correta. Eu acho que não vai nem pra lá e nem pra cá.

Combina com o peso dela.

<burburinho>...

E o que é que você sugere para acabar com o cinza dos deputados, o cinza do Congresso?

O cinza dos deputados é crescente, é usar cajus nos cabelos.

<risos>...

E as ombreiras gigantescas. Mas o corte é perfeito e nesse caso: Me diga o que vestes e eu te direi quem tu és.

<risos>...

A gente está falando de imagem, você está falando da imagem da presidente Dilma, mas eu queria falar da imagem do desfile. Porque a gente sabe que desfile de moda vende e eu li aqui também que é um discurso seu, é uma imagem que você escolhe pra mostrar. E que não pra vender roupa no desfile. Você ainda pensa assim? Hoje em dia existe uma integração maior entre a imagem do desfile e a coleção comercial?

Sempre e até porque eu sempre tive estrutura de produção muito pequena. Tudo que eu ponho na passarela vai pra loja. Exatamente tudo. Quando eu me referi a essa história que não é um espaço pra vender roupa, porque às vezes, por exemplo, teve o desfile da Disneylândia e que eu queria que o cenário fosse uma favela depois de um tsunami. Então, tinham marcos de porta e janelas, restos de paredes, cômodos, e bandeirolas aquelas de papel mexicanas pretas. O que eu queria dizer com aquilo? Que mesmo depois de tantos tsunamis, tantos terremotos, tantas enchentes, a cultura latina resistindo bravamente. E vários jornalistas: “Lindo cenário, Ronaldo!”... A modelo passava e tinha que fazer um esforço pra entrar no outro cômodo... “Vai depois no showroom!”...

<risos>...

Aquilo era pra ver... Em 8 minutos eu tenho que transportá-los pra um outro lugar. Então assim, eu lembrando Lina Bo Bardi, eu quero consumir, eu Ronaldo, coisas que falam. Eu não quero consumir roupa muda. Eu não quero consumir comida muda. Eu não quero viver numa casa muda. Então, esse lugar da passarela branca, com a luz branca, pra mostrar roupa, a modelo requebrando pra lá e pra cá, todas iguais, mesmo cabelo e mesma cara... <respirada funda>...

Não é o seu estilo.

Como eu disse, eu não gostaria de assistir. Essa temporada quando falaram que a moda é não ter cenografia, tem que ser limpo, uma luz disso e uma luz daquilo, então, eu vou adorar estar fora de moda.

<risos>...

Você vai estar fora de moda.

<risos>...

Mas você disse o que você mostra, você vende. Você vendeu Bispo do Rosário, vendeu China, vendeu Drummond...

Nara Leão!

Nara leão, Guimarães Rosa, você vendeu, tudo que você mostrou lá foi vendido?

Foi vendido, tudo.

As pessoas, você acredita que as pessoas consomem a sua moda pelo que você traz embutido, quer dizer, é esse seu discurso político ou por um corte e recorte.

Num primeiro momento Gabi, eu sempre dizia o seguinte: olha, a história interessa a mim, eu preciso fazer uma roupa que antes de qualquer coisa tenha um bom corte, boa modelagem, tenha qualidade e, um desavisado, entre na loja, sem saber que tema é esse e que goste daquela roupa. Agora, com a repercussão de um SPFW, a repercussão que o evento deu para o meu trabalho, hoje é diferente, hoje as pessoas entram na loja querendo

consumir a história, elas vão buscar algo da Nara Leão, elas vão buscar algo do Drummond.

Estão conversando com você agora, estão conversando com você, com sua idéia.

Sim, É uma coisa impressionante.

Através da roupa.

Isso no Brasil.

É uma versão sofisticada do que é, na verdade, a camiseta com coisas que todo mundo consome porque tem alguma coisa

Uma mensagem.

Uma mensagem nela. É isso?

Sim, mas, mais ou menos porque, por exemplo, quando eu crio esse contexto e te apresento e falo: Gabi tudo que está na passarela vai para a loja, só que o que vai para a loja é muito mais, é aquilo e muito mais...

E é sofisticado

Então, eu preciso pegar essa história do Athos Bulcão e transformar isso numa camiseta nada, mas que traga um pequeno elemento que possa satisfazer esse desejo vestir uma ética e estética de uma figura como Athos Bulcão, por exemplo.

Então você acha que existe já um estilo Ronaldo Fraga.

Dizem que sim.

<risos>...

Quero saber uma coisa, como é que dá o clique, pergunta da criação, como é que você cria? Você tem muita idéia, da para ver, já tem muitas coleções prontas, né, como é isso, você está andando na rua e vem o clique? Você está fazendo uma pesquisa, como é, como você teve esse Athos Bulcão, que não é um sujeito muito conhecido no Brasil, como você teve, como dá esse clique: “Eu vou fazer”... Como é que é?

Paulo, eu falo que tudo pode ser transformado numa coleção de moda, mas, o que vai interessar eu sentar e te contar o história do cachorro da minha tia. Então eu procuro trabalhar temas que tragam alguma coisa cara à moda, cara ao nosso tempo...

<burburinho>...

Você está na cabeça das pessoas um pouco...

Claro! Não, assim, mais ou menos... Vou falar de Bulcão que é mais recente, realmente quando eu falo com as pessoas: “Eu não sei quem é. – Sabe sim!”... Conhece a obra dele e não sabe que é dele. E o Athos na sua trajetória nos passa mais de um exemplo de exemplos caros ao nosso tempo. Tem uma coisa dele assim que eu adoro quando ele fez a igreja de Brasília, a igreja NS de Fátima, que é aquela das estrelas, a mais famosa obra dele “As estrelas e os divinos”. E que ele dizia assim na época: “Eu acho que o Brasil já tem igrejas opressoras de mais! Eu queria fazer uma igreja que trouxesse festa, que trouxesse uma noite estrelada em festa de São João”... a pérola do modernismo!... A moda consegue fazer isso? Eu acho que não. Precisamos exercitar muito isso. Athos conseguiu. Ou a figura, por exemplo, quando ele foi fazer o revestimento do Teatro Nacional de Brasília...

E que é o teatro Athos Bulcão.

É. Ele foi fazer a fachada do teatro e Niemeyer sempre impondo desafios a ele: “Não estou querendo saber do seu azulejo colorido mais! Eu quero uma coisa elegante, leve e pesada, e emocionante!

<risos>...

“E você tem 11 dias pra estar com isso pronto! Não é aprovado, não. É pronto lá porque só está faltando essa fachada”. Ele fez aqueles blocos de cimento de 60x60, 90x90, os quadros onde ao longo do dia, de acordo com

a posição do sol, você tem uma estampa diferente. Isso é coisa de gênio! É emocionante. Todas as vezes que eu vou em Brasília e passo com o carro: “Dá uma paradinha aqui, deixa eu ver a estampa que isso está me oferecendo agora”, isso é genial!

E você ficou satisfeito com o resultado da sua homenagem ao Athos Bulcão? Você conseguiu trazer Athos Bulcão para o seu trabalho?

Eu estou tranquilo. Eu fiquei tranquilo, eu gostei, eu acho que quando...

Você falou assim: “A moda não consegue isso”. Conseguiu agora ou não?

Então conseguiu uma arquitetura da roupa nesse sentindo...

Eu acho que é o seguinte, eu nem uso o termo “Homenagem”, é a minha pesquisa...

<burburinho>...

Porque as pessoas sempre falam: “Qual o homenageado da vez?” ...

<risos>...

Mas quando eu sento e conto pra vocês a história do Bulcão, aqui eu estou contando pra vocês. Mas eu quero que a minha roupa fale sobre isso. Sabe? Eu quero que você vá à loja e fala assim: “Oh, gente! O cara é abstrato? É um artista concreto? Por que ele resolveu fazer esse *jacquard* dessa imagem de coristas de carnaval dos anos 20?” ... Porque para o Athos, a grande referência pra ele é o carnaval dos anos 20 no Rio de Janeiro. As fantasias de pierrôs e colombinas influenciaram o trabalho dele como artista gráfico até a morte. E isso eu não sabia.

Termina aqui o 2º bloco...

BLOCO III

De volta pra mais um bloco com Ronaldo Fraga, o “enfant terrible” da moda brasileira. Você também já citou o Borges, o escritor argentino, perguntaram a ele uma vez se 100 anos depois ele voltasse pra vida, era uma coisa mais ou menos assim...

Se ele pudesse receber 100 anos depois um livro, no céu ou no inferno, qual a ciência que teria esse livro pra ele entender o que estava se passando na Terra. Ele falou: “Ciência, livro? Não! Mandasse revista de moda”.

<risos>...

Dinheiro compra tudo em moda? Eu estou falando de tecnologia, você tendo tecnologia você faz qualquer coisa na moda? Você já foi pro computador, coisa que você renegava anos atrás...

<risos>...

Aí, tecidos, tecidos a tecnologia vai ainda transformar e criar coisas que a gente ainda não conhece ou tudo o que já podia ser feito de nylon...

Não! Tem muita coisa pra ser feita. Num futuro muito próximo e isso já está em estudo, muito, muito próximo, você vai ter um guarda-roupa só de roupas brancas. E quando você sair: “Hoje eu vou com determinada estampa”, você vai se estampar naquele tecido. Depois você vai lavar e essa roupa vai voltar a ficar branca de novo.

Não seja maluco!

<risos>...

Como que vai estampar?

No Japão tem tipo um scanner. Não pergunta como, não.

<burburinho>...

Você vai fazer no seu computador e a sua roupa vai ganhar uma estrutura de cor, enfim, de estampa, de padronagem. E lavando ela vai voltar a ser branca.

É uma customização, né?

É.

Quanto mais a tecnologia te dá, mas você sente a necessidade de humanizar o que você vai fazer com ela. Quando você vai no desfile da japonesa..., por exemplo, ele te apresenta dum desfile só de americano cru, aquele algodão pesado... “Nossa! Pensei que ia ver um tecido de última geração e essa figura me traz esse algodão, o que é isso?”... Só que a estampa que ela te traz ali sobre é um estampa de última qualidade.

<conversa paralela>...

Você tem feito várias referências ao Japão. Eu estou lembrando que no começo da conversa você ao mencionar a moda em outros países, disse: “O Japão é outra coisa”, e não voltamos a esse assunto. Por que o Japão é outra coisa?

O Japão é uma cultura da experimentação. Eles experimentam muito mais. Eles ousam muito mais nesse sentido.

A moda.

Em tudo. Mas porque o resultado é fascinante? Porque eles são bem ancorados na tradição, na própria história. E a moda precisa disso. Não adianta você só olhar e pensar no futuro. Esse futuro vai ter que estabelecer um diálogo com a tradição. Ele vai ter que estabelecer um diálogo do ponto de partida. Os japoneses conseguem fazer isso muito bem e curiosamente os belgas também. Estou falando curiosamente por ser um país muito pequeno e que está ali pressionado entre culturas dominantes. Mas a escola belga de moda é uma coisa impressionante.

Ah é?

Nós tivemos no início dos anos 90, por exemplo, uma leva saída da escola e que na mesma escola, mesma formação cultural, com linguagens bem diferentes.

E que mudou a moda...

E colocou a Bélgica na, na, como Dries van Noten, Anne Demeulemeester, Margiela...

O Margiela... <burburinho>...

É. Ele era belga. Então, uma coisa impressionante, ali impressionado por 3 culturas: alemã, francesa, a Inglaterra. E você vê que não é só na moda. Falam um pouco da Escandinávia, o design dinamarquês também, o design da época.

Se falou muito na SPFW da Escandinávia.

A Dinamarca tem designer de moda? Eu sei que tem designer geral, mas de moda?

Eu tenho um amigo dinamarquês e ele disse: “Aguarde. A bola da vez é o Brasil, mas na sequência vai ser a Dinamarca”.

<risos>...

A Gabi falou de tecnologia e a gente fala muito de ecologia na moda, sustentabilidade, a gente vê a moda como um agente importante pra poder falar sobre algodão orgânico, sobre tudo isso. Como você vê isso, você acha que a gente está pronto?

Sobre tudo isso que é muito caro, aliás.

Ainda é muito caro...

Muito caro, e eu não aguento essa história de você chegar numa marca e ela fala: Nós temos uma postura é...

Totalmente responsável.

E temos aqui a malha de bambu. Essa malha é altamente poluente, além de ser uma coisa que abafa e que não é uma coisa agradável. Tem uma arariinha disso, ... altamente poluente. Eu acho que o buraco é mais embaixo. Quando eu viro pra você e falo: Gente, nós estamos com uma cidade como Passira, no agreste pernambucano...

Você fez um trabalho lá.

Fiz um trabalho e tem um projeto maravilhoso do governo de Pernambuco da Secretaria de desenvolvimento e design que é registrar e preservar esses pontos de bordados que estão se perdendo. E um mecanismo que as pessoas possam sobreviver dignamente...

<conversa paralela>...

Por que isso acontece? Não vão sendo transmitidos por gerações?

As filhas das bordadeiras você acha que elas vão querer bordar? Ela ganha muito mais dinheiro com a prostituição.

Segundo, você tem que dizer também que brasileiro achava sempre, acha sempre, muito jeca, muito brega esse tipo de artesanato.

Achava muito cafona... Aí que você tropeça e volta na educação. Um dos pontos quando eu quis falar de Athos agora porque a coleção passada teve um repercussão internacional muito boa desse trabalho dos bordados, um coisa impressionante, eu não pensava em 6 meses mudar a realidade de famílias como aconteceu com esse trabalho em Passira. “O que eu preciso trazer pra essas meninas agora? Eu vou levá-las pro terreno do modernismo de Brasília com Athos Bulcão. Agora elas vão bordar o abstrato, elas vão bordar um outro artista”. Porque aqui no Brasil também é assim: Uma moda regional, as coisas do nordeste, né? Umas coisinhas assim e tal. E todo mundo espera que tem que ser baratinho assim...

Já que está fazendo tudo por vai cobrar preço.

E aí foi delicioso. Até o exercício com as meninas, agora falando de novo do querido Athos, o que ele fazia? Fazia um desenho, uma padronagem, entregava aquilo pros pedreiros e os pedreiros falam: “Peraí, mas cadê o projeto de colocação desses azulejos? – Coloque do jeito que vocês quiserem!”...

Você está brincando.

“Mas nunca feche um círculo ou um quadrado. Porque a energia do meu desenho não pode ficar fechada num círculo. Coloque aleatoriamente”. Foi isso que eu fiz com as meninas, eu selecionei obras do Athos, estampeei num cinza clarinho, parecia um desenho a lápis nos tecidos. Eu fiz as peças, e indiquei as cores... “E a disposição? – Do jeito que vocês quiserem. Só não fechem um círculo!”...

<risos>...

E as peças eu recebi 2 dias antes de vir pra SP. Você sabe que tudo pode dar errado. Inclusive nada. E nada deu errado.

Vamos dar o benefício a dúvida. Existe mesmo uma prevenção com trabalho artesanal e regional no Brasil.

Subestimado, né?

“Eu dei esse projeto pra elas fazerem”, você de alguma forma está refinando esse talento do artesão.

Claro.

Você está aperfeiçoando um trabalho que de alguma maneira deve ter uma brequice intrínseca.

Claro. Você chega numa cidade como essa, você tem o domínio de uma técnico que é maravilhoso, só que a cidade inteira faz o mesmo desenho. E com a história da China, por exemplo, que chegou lá, elas bordam hoje sobre tecido sintético. Haja qualidade de um bordado pra bordar naquelas porcarias de sintéticos que hoje tomaram conta do país.

Sem contar o valor que paga.

Você vai na minha loja e vai comprar essa peça bordada, vai ter lá o nome da bordadeira e a localização. Então, isso foi muito legal, porque o meu trabalho foi lá pra trás da fila. “Mas que sacanagem! Vocês não entregam”...

<risos>...

“Tanta gente vem aqui e fala que é seu amigo”... Tem a “Cama, Mesa e Banho” uma empresa fina aqui de SP que eu adorei porque foram fazer esse trabalho com eles. Uma outra fábrica de calçados que quer fazer uma linha especial veio me procurar para ser feito com esse grupo. Mas tudo você vai cair na educação. Essa formação pra que a gente possa entender e ver valor. Eu estou ficando tão intolerante com a idade que outro dia eu disse assim: Se eu chegar numa casa e não tiver uma peça de renda renascença, pode ser um forrinho, mas eu acho que você tem que ter uma peça na parede do estatuto de artes plásticas pra isso. Um disco do Dorival Caymmi ou azulejo do Athos Bulcão, eu nem entro...

<risos>...

Como que um brasileiro não tem isso em casa. É um absurdo.

Você homenageou as costureiras. Você teve medo de ser chamado de populista?

Medo não, medo não.

Como é que foi isso aí?

Se fosse por medo eu não tinha feito nada, nenhuma dessas coleções. Quando as pessoas falam “Esse seu desfile eu vou chorar”, aí que raiva! Eu não fiz nada pra chorar... E as pessoas invariavelmente saem em prantos da história.

E você atribui isso a...

Eu acho que fala daquilo que nós varremos pra debaixo do tapete e sempre tivemos vergonha. Tem uma foto do livro “Turista Aprendiz” do Mario, simplesmente ele fotografou numa rua que não existe mais em Fortaleza, que eram roupas brancas secando num varal e ele pegou o momento que essas roupas voaram. Era o fundo de uma casa, alias. A casa não existe mais. Eu fui nesse endereço pra poder ver, são prédios horrorosos. E aquilo era muito emocionante, porque aquilo me projetou pra um lugar da minha história, da minha vivência, de um tempo que não existe mais. Então, quando você cruza com uma pessoa na rua e para, outro dia fui atravessar a rua e uma senhora, com 10º de miopia, eu achei que ela estava vindo rindo pra mim. Eu também fui rindo pra ela, quando a encontrei, abracei ela, ela me abraçou: “Meu bem, de onde eu te conheço? – Eu não sei porque também não te conheço. Eu não sou daqui”...

<risos>...

Valeu pelo abraço e ainda batemos um papo ali. Então, eu acho que essa coisa de humanizar esse processo, humanizar uma coisa que é de mercado, humanizar uma coisa que é isso e que daqui a pouco ela tem a ser produzida rápido, tem que ser consumida rápido, tem um lançamento no meio do ano, eu tive que arrumar um lugar aí pra mim que fosse divertido, confortável e que não me envergonhasse com os meus filhos por fazer moda.

“Eh pai, eu queria que você sêsse roqueiro!”...

<risos>...

Ronaldo como é que você escolhe a roupa que você vai vestir durante o dia? Porque você escolheu essa roupa, por exemplo?

Eu uso as peças com defeitos.

O que te leva escolher a cor que você vai usar durante o dia?

Antes de tudo é conforto. Agora...

Você acha que a elegância passa invariavelmente pelo conforto?

Sem dúvida que sim. O sapato pode ser lindo e maravilhoso, aí a minha mulher fala que está machucando, “então tira”...

Fica puxando a saia pra não subir de mais.

Ou então subindo o ‘tomara que caia’...

<risos>...

E se você me perguntar a roupa que estava ontem, eu não vou lembrar. E as roupas de vocês amanhã não vou lembrar... Eu acho que o contexto tem que estar bem amarrado. O que você veste, o que você pensa. Hoje pela manhã estava dando entrevista, falando sobre moda e cinema, e eu estava dizendo que não é só no Brasil, mas até hoje eu não vi um filme de moda e que você falasse assim: "Valeu esse!"... Nem Robert Altman conseguiu quando fez o "Prêt-à-Porter". Sempre cai no caminho do caricato. O único que eu falei que era maravilhoso não era um filme de moda, que era o "Baile" de Ettore Scola. Você passa um século e está ali a música, o passo de dança, os personagens, a roupa e o cenário, num desenho. E te oferece páginas da história ao longo de um século. Então, eu acho que a moda tem que funcionar dessa forma.

Você está rico?

De saúde...

<risos>...

Não minta. Você tem 15 anos de carreira, não é?

Sim.

Eu sei que dá pra ficar rico pra um monte de gente, eu quero saber se deu pra você.

Não. Tem essa coisa do padrão do que ser rico. Hoje no Brasil tem uma história que a maioria das pessoas pensa que é aqueles 20 ou 30 milhões que pagaram pra modelo X. Cara, não é isso. Eu optei por um caminho que eu poderia estar com muito, muito dinheiro, mas esse caminho não me interessou. E o caminho que eu apostei...

E que seria qual o caminho?

Da produção massiva. Outro dia uma grande empresa me procurou querendo licenciar a minha marca: "Mas saiba que a nossa marca tem que ter esse *shape* e tal... – Eu estou fora. Você procurou a pessoa errada. Você não procurou pela pessoa errada, você procurou pelo alcance do meu nome na mídia. Então, isso não me interessa". Mas quando eu olho a minha situação... Eu tenho duas casas próprias, um empresa, tantos funcionários, eu tenho isso e aquilo. "Ronaldo, você foi longe!"... Eu tenho uma vida confortável e feliz. Eu consigo sair de férias com a família, coisa que eu nunca fiz na minha vida.

E quando você sai de férias vai pra onde?

Na última vez ficamos 40 dias na Itália. E parte desses 40 dias, nós seguimos um circo, um teatro de rua, foi uma experiência maravilhosa, lugares na Itália que eu nunca iria se não fosse o circo.

Eram conhecidos...

Eu tenho um amigo italiano que tem um grupo de teatro de rua, na verdade, eles estão sempre em áreas de conflitos. Está pra fechar o espaço aéreo do Líbano. Eles já estão lá, antes de tudo. Parte do ano eles trabalham pra grandes empresas da Itália, fazem espetáculo pra Fiat, VW, nas grandes empresas na Europa, e os outros 6 meses, agora eles estão na Tanzânia...

E você acompanhou...

Ao longo da Itália. Eu iria pra Tanzânia mas SPFW não deixa.

<risos>...

E o que eles mostram.

São as crianças e os velhos do lugar, apresenta espetáculos com essas crianças, incorporando essas pessoas dentro do próprio espetáculo. Eles já fizeram pra Índia, é maravilhoso. Aí, eu volto a falar de Athos Bulcão, as pessoas cobravam muito dele que nunca tinha feito uma escola de arte. Ele fez medicina. Ele falava: "A minha melhor escola foram os meus amigos que eu tive: Portinari, Burle Max, Oscar Niemayer, Jorge Amado, Caribe,

Baden Power... O que eu aprendi com essa turma, não aprendi em nenhuma escola". Então, essa turma da Itália ensina muito.

Como é que você transforma uma idéia boa num produto bom, que é o mais difícil?

Fazer o produto hoje eu acho que é fácil. Hoje eu tenho parceiros, eu tenho uma empresa que ela abre as portas, eu entro e desenvolvo o tecido. Poucos estilistas têm isso, que é a Renovil em SC. Então, 80% dos tecidos dessa coleção, foram feitos lá de um jacá de última geração.

Quanto tempo antes da apresentação?

O ideal seria 5 meses de desenvolvimento, mas como eu me envolvo em outros projetos, no ano passado eu fiz a exposição do rio SF, que vem pra SP a partir de 17 de março. Fica 3 meses em cartaz. Bateu recorde de visitação no Palácio das Artes, 42 mil pessoas. Isso foi maravilhoso e me absorveu, essa coleção tive que trabalhar com prazo de 40 dias.

Essa coleção?

Essa do Athos. O processo de pesquisa já vinha. Mas o desenvolver tecido e produto, modelagem, sapatos e tem alinha infantil também.

E você fica nervoso como todo estilista? Na SPFW você não pode falar com ninguém, está todo mundo de cabelo em pé.

Tem uma coisa que me ajuda muito que é quando fico nervoso começo a rir.

<risos>...

Eu tinha certeza disso, eu ia perguntar...

Os desavisados que não me conhecem falam "Que diferença!"...

Ele está calmo.

<risos>...

E eu tenho sempre um mantra, eu já falei aqui: "Tudo pode dar errado, inclusive nada"...

Você tem ataque com costureira.

Não, nada disso.

Teve um problema num desfile, foi aquele...

Das manequins.

<burburinho>...

11 de setembro o mundo mudou. Tudo vai ser virado do avesso. Como que eu chego em SP, pra fazer um desfile com modelo requebrando pra lá e pra cá? E a moda realmente se pronunciou. Só que no mundo inteiro eram as modelos no final entrando com camiseta escrito "Paz"... Mas a gente não está precisando de paz. Tem que pegar essa deixa da guerra, pra dom o tom desse século. Eu resolvi: "Essa coleção dessa história não vai ter uma pessoa por trás. Tem uma situação: É o corpo que cansou de ser subjugado pela roupa". Ele cansou de receber medidas impostas pela roupa. Então, esse corpo abandonou a roupa, deixou ela sem volume. Eu fiz uma estrutura tipo de um açougue, pesada, caríssima, hoje quando eu lembro o preço... Eu trouxe essa história pra cá pra SP, e já começa que quando fizeram teste foi na época de apagão, a Bienal estava funcionando com gerador. Então, foi incompatível lá com o esquema lá da história, o engenheiro falou: O desfile pode acontecer. Mas ninguém pode encostar porque isso vai dar um choque a pessoa vai voar longe...

<risos>...

Eles conseguiram resolver esse problema, mas me arrumaram outro. E isso foi mantido em sigilo. Eu estava encerrando essa temporada, era um sábado à noite, último desfile do evento. As pessoas não sabiam que não ia ter modelo... começou aquelas músicas de caixinha de música e a estrutura de madeira passando vestida com as roupas. Eu fiz o teste evidentemente, era coleção de inverno e quando vestimos os bonecos, tinha casa-

cos, tênis, pesou e desestabilizou a estrutura. Lá de dentro eu escutei o barulho “*Brruumm!*”..., balançando. Eu cheguei pro engenheiro e falei: “O que está acontecendo? Está quebrando?”... Ele falou “Tá!”

<risos>...

Então, dá ré aí, tinha um botão que podia até dá ré. E foi na época da quebra da Argentina. Na hora que ele deu a ré, na trilha entrou “La Cumparsita”...

<risos>...

Começou a sair fumaça das engrenagens... “Eles não dão nem mais um passo!”...

<risos>...

Eu vou ser trucidado. Eu vou ser um romano magrinho pra esses leões. As camareiras segurando os bonecos... Chegou uma: O que é que eu faço? Entra!

<risos>...

Quando elas entraram segurando os bonecos, a trilha mudou e veio uma música melancólica. Um pianinho melancólico... A primeira se escondeu de tal forma, quando você vê o filme, só vê o pezinho dela e outras, “é a minha chance”, botaram o boneco de lado...

<risos>...

É a minha chance de ser modelo. E as pessoas aplaudiram enlouquecidamente...

Foi um sucesso.

O engenheiro chorava. Eu chorava, todo mundo chorava... A minha idéia pro final desse desfile, eu ia intercalando, eu intercalaria entre as roupas, pedaço de carne. Eu tinha uma caixa de isopor do tamanho desse espaço, com costela de boi, coração, linguiça...

Nossa!

Punk de mais. Ia intercalando as roupas de modo que no final ficasse só carne rodando ali. Quer dizer que o corpo voltou despedaçado. Como não aconteceu o final foi outro, elas entraram e acabou o desfile, as pessoas aplaudiram enlouquecidamente. Aí, uma amiga correu e falou: “Essa imagem vai ficar eternamente registrada pra mim”, porque estava a placa “Entrada de Modelos”, o pessoal que ajudou a montar, os peões, as camareiras, falaram assim: “E essa carne? A turma que saber se pode levar. – Claro!”... Eles foram iguais leões em cima da carne, os peões que montaram a estrutura. E quando essa amiga chegou a porta abriu eles desceram a rampa levando coração, pedaço de carne...

<risos>...

Ronaldo, você é uma festa mesmo... Eu preciso terminar esse bloco. Quem vai continuar você? Alguém da sua família?

Não. Eu tenho sonho que vou encontrar um assistente, com muita saúde e disposição pra continuar. Eu acho que a turma lá de casa, tem o mantra que eu falo na cabeça deles que preciso de médico, geriatra e advogado pra me tirar da cadeia. Não vem com estilista pra cá, não.

<risos>...

Você já sabe depois do Athos Bulcão o que vai fazer?

Tem muitas penduradas.

Fala uma. Você está pensando em...

Eu amo Nise da Silveira. De repente, vem em algum momento.

Estamos terminando mais um bloco...

BLOCO IV

Ronaldo, nesse bloco a gente faz um balanço da entrevista. Eu vou começar pelo Paulo Moreira Leite, pode aproveitar e fazer aquela sua consulta de estilo.

<risos>...

Eu gostei da entrevista, achei muito boa, é muito coerente o que você fala e o que você faz. Eu tinha muito pra perguntar, mas dou o tempo aí pros outros.

Augusto Nunes.

Eu achei muito informativa e muito divertida. É uma grande figura o Ronaldo, eu o conheci melhor hoje. Eu gostei muito.

Alguma dúvida de estilo?

Não. Eu prefiro conversar em particular.

Eduardo Logullo.

Ronaldo, se você não fosse estilista o que você faria hoje?

Peraí, responde em seguida. Chiara...

Adorei essa conversa. Eu conheço Ronaldo há tanto tempo. Lembro daquela revista que a gente fez... Adorei.

Paulo Caruso...

Primeiro essa revelação de que a passarela ficou pequena de mais pros dois: A Marília...

<risos>...

A outra é essa história de você abraçando a velhinha atravessando a rua, a sensação que você faz isso: Moda pra você é abraçar o mundo.

Muito bom!

Poxa...

Uma delícia.

Agora chegou a sua vez.

A gente finge que é normal está de frente dessas pessoas, diante desse mestre aqui que eu amo, eu estou fingindo que é normal está aqui no centro do Roda Viva falando de moda. Eu estou fingindo que é normal e que todos entendem a moda como um vetor cultural. Eu finjo que a moda é entendida pra além da roupa da celebridade. Mas eu espero que isso no futuro aconteça. Eu espero que designer no futuro possa ter uma relação mais tranquila e possa vivenciar todas as possibilidades de interdisciplinaridade da moda com o tempo que a gente está vivendo.

E a pergunta do Logullo?

Eu vou te responder aqui, mas se amanhã você me perguntar eu vou falar outra coisa. Eu adoraria escrever bem. Eu adoraria ser autor de novela.

Adoraria escrever uma novela.

E por que você não arrisca?

Tem que arrumar tempo, Gabi. Esse SPFW, essas coleções, muitos funcionários, essa turma não me dá tempo, não.

Você não tem lazer?

O lazer acaba sendo o meu trabalho, o processo de pesquisa, e eu viajo muito. Mas a viagem está sempre relacionada a história de trabalho. Essa história do circo foi uma coisa a parte que eu citei. Mas eu tenho essa fantasia de um dia parar tudo, acordo amanhã e paro tudo e começo uma outra profissão. Eu gostaria que essa outra profissão fosse ligada a escrita.

Eu adoraria escrever.

Escrever novela, é isso...

Eu adoraria a escrita, mas como eu amo o homem comum e os absurdos do homem comum, fatalmente eu faria uma novela.

Você assiste novela?

Não. Eu não tenho televisão em casa.

Os seus filhos não vêem televisão.

Não. Eu estava lendo que tem uma novela do Gilberto Braga no ar, eu faço fascinante o que o Gilberto...

Por que não tem televisão em casa?

Primeiro pelas crianças porque nós optamos até porque um está com 7 e o outro com 9. Daqui a pouco a gente libera. Mas pra que a gente pudesse conversar mais. E eles são muito ligados.

Bom querido, muitíssimo obrigada...

Obrigado...

Você é uma festa mesmo e por isso que faz tanto sucesso. Adorei a história do abraço...

<risos>...

“Conheço você de onde? – Eu não sei. Eu também não te conheço”...

<risos>...

Isso é a tua cara.

Ah, delícia!

Essa sua alegria, eu acho que a tua trajetória só pode ser de mais sucesso sempre, não tem como...

<despedidas>...

8.9.

Entrevistas – Exposição *Rio São Francisco*

Série de entrevistas realizadas durante a visita à exposição *Rio São Francisco* em São Paulo em 31 de maio de 2011.

PAULA

Entrevistador: Por favor, seu nome e a profissão?

Entrevistada: Meu nome é Paula, sou colunista e trabalho com pesquisa de mercado.

Entrevistador: Estou fazendo uma pesquisa então sobre o Ronaldo Fraga, sobre o trabalho do Ronaldo Fraga e queria saber o que você achou da exposição?

Entrevistada: Achei linda! Eu tenho uma relação com o Rio São Francisco, minha família é da Paraíba, eu morei desde pequena, trabalho com pesquisa, vou sempre pro norte e nordeste. Adoro o Rio. Conheci o Ronaldo Fraga por conta desta exposição, da coleção do Rio. Eu estava trabalhando e fui entrevistado sobre o valor econômico da semana e do fim da semana e o almoço com Ronaldo Fraga, a exposição eu sabia que tinha estado em Belo Horizonte e não consegui ver, vi que estava aqui, pouquíssima divulgação, as pessoas do Parque também não estavam sabendo e vim ver. Ronaldo Fraga, Bethânia e Rio São Francisco, né, e foi o que eu imaginava. Quer perguntar mais ou eu desando a falar?

Entrevistador: Pode falar.

(risos)

Entrevistada: Foi o que eu imaginava, lindo, eu andei no Benjamim Guimarães há um ano e pouco, a gente foi justamente porque eu gosto de rio, eu conheço vários, conheço o São Francisco em vários pedaços e fui para Pirapora ano passado para andar no Benjamim Guimarães. Li uma matéria no jornal sobre o Benjamim Guimarães, mas hoje em dia ele tem um curso pequeno, anda uma hora e meia pra lá, uma hora e meia pra cá. Sempre tive vontade de fazer de Minas até Juazeiro eu acho, mas nunca consegui e é aquilo, o navio é lindo, as pessoas que estão lá, por razões diversas, são lindas, o cheiro é bacana, o barulho da água é legal e cada dia você tem uma conformidade diferente, tem uma combinação de gente, do cheiro, cheiro bom, cheiro ruim. A água reflete o sol diferente, um céu diferente, de maneiras diferentes e tudo vai...o que mais?

Entrevistador: E como você acha que a exposição te trás isso?

Entrevistada: De novo, como essa coisa é muito ligada à minha infância, eu morei em Recife, a gente tinha casa numa praia chamada Maria Farinha, a casa da gente era na beira d'água. Maria Farinha tinha uma cidade do outro lado, chamada Santa Cruz, tem o rio...e Pernambuco tem muito essa história do Rio Capibaribe, Beberibe, ilhas cheias, então tem um lado legal, um lado poético, um lado João Cabral e tem o lado assustado, eu já vivi cheias de corada em casa, e assim...a cheia dava até o final do primeiro andar, era uma coisa assim...então o rio é muito rico na minha cabeça, então esse troço pra mim, eu gosto né, eu vou sempre pra rio. Vou lá pro Norte e é tudo muito legal. Eu fico tentando contar às minhas filhas que eu adoro essas viagens e as minhas filhas gostam dessas viagens de Vitória também. Estou até pensando...vou subornar Manú e Lelê, vou falar que vou fazer uma viagem de rio, porque aí prometo que fico uma semana. Mas fala mais, não sei se você tem fotos.

Entrevistador: Não...na verdade eu queria saber também o que você acha dessa relação com a moda?

Entrevistada: No quesito moda eu sou 'gente diferenciada', como diz o pessoal de Higienópolis, não tenho a menor paciência pra moda, como você pode bem ver, para desespero da turma. Mas eu acho legal, quer dizer, eu gosto de ver, não tenho o menor 'saco' de usar, acho uma chatice essas lojas com aquele pessoal metido à besta e tal, só que, tem umas coisas lindas, então são umas coisas lindas, umas coisas de referência na própria...no pavilhão onde tem os vestidos, as rendas. As rendas são belíssimas, então hoje a gente vê...a gente acha lindo uma coisa de uma Maison chiquíssima de Paris porque as coisas são feitas à mão por bordadeiras, etc, etc...

Essas bordadeiras, elas existem de lá, as renderas do Ceará, as bordadeiras de tudo quanto é lugar, e por conta da minha infância, eu tenho contato com muita velha nortista, nordestina bordadeira. Então é aquele capricho, aquele aprumo, é aquela coisa que o nordestino tem das cores primárias, aquela atração pela cor, a tranquilidade, a excitação, a combinação daquilo na roupa e como a gente não tem muito acesso a esse tipo de coisa, você vê... quem gosta de ver esse tipo de coisa é maluco ... Ronaldo Fraga leva isso pra você. Então, assim, umas coisas lindas, super bem cortadas, tem várias coisas belíssimas, uma delas num ombro só, com uns apliques, umas coisas lindas...e tem um negócio que é muito engraçado e é até jogo de palavras, que é cruzes e fuxico, que ou é cruz de religioso, ou é fuxico de fofoqueiro, porque fuxico também é sinônimo de fofoqueiro. Então tem cruzes e fuxico. Trazer esse troço pra moda pra moda...aí entra aquela história do Ronaldo Fraga que diz que achou o maior barato, e que levou a isso. Teve uma que ele botou um monte de gente velha. Eu não sou ligada em loja, gosto de ver, tenho todas as revistas de moda, mas eu não tenho o menor 'saco', como já falei...e vi o Ronaldo Fraga pela primeira vez, não sei se foi numa revista Cláudia ou numa revista Caras, a casa dele e achei um negócio interessante, achei uma casa bacana. A minha casa parece com aquilo. Deve ser engraçada, apesar daquela cara de Salvador Dali.

Eu fico com muito medo daquele pessoal 'fashion' sem referência, de fato, não conhecia nada dele, não sabia nada da existência. Vi a casa, a casa parecia com a minha, o cara é legal, esse cara deve ser legal, eu fui saber mais e as coisas convergiram e tenho uma admiração quase devota a ele. Aí, assim, descobri no final desse final de semana que o bigodinho não é pro Dali, é pro Eça de Queiroz, quer dizer, está mais sofisticado ainda, o cara lê. Então eu acho que ele faz muito bem pra cultura brasileira porque ele pega um pessoal que não gosta de 'gente diferenciada' e trás aquela 'gente diferenciada' da maneira mais poética do mundo.

Entrevistador: Então, como é que você definiria moda? Como você definiria o trabalho do Ronaldo Fraga?

Entrevistada: O Ronaldo Fraga é, sobretudo, um artista. Moda vai da arte até à modalidade mais odiosa, que eu acho que a unanimidade não é odiosa. Acho q moda vai da arte até aquela clausura mais odiosa, que é da 'peruagem'. Que em alguns casos, é a clausura odiosa da 'peruagem' que tem dinheiro pra comprar essa moda, mas moda que, no caso, é arte...era moda que distinguia as pessoas por uma série de razões, porque a gente é muito igual. Você vai ler aquele troço, você vai ler Eurípedes, você vai ler Topodes e não sei o que...a gente está lá. Eu vi, sem ser nesse final de semana, do jeito que você gosta, a gente está lá, é tudo igual...a Rosalinda quando foge, ela é bonitinha e tal e se veste diferenciada, com um casaco de homem, que ninguém vai saber quem você é. Então a moda é uma maneira de diferenciar, moda é uma maneira de marcar lugar, moda é uma maneira de carregar pra gente, referências. Você olha pra uma pessoa, e se a vida da gente teve essa referência, você olha pra pessoa e fala "ai meu Euclides". Então, moda é legal, esse lado moda que o Ronaldo Fraga faz, eu acho o maior barato. Sem contar que nos outros aspectos, ele tem...ele tem corte, tem caimento, ele tem noção de conjunto pra hora do desfile. Aquela música, 'Camaleão', belíssima, Fernanda Takai, então, assim, ele faz arte, sobretudo.

Entrevistador: E como você define esse outro lado da moda?

Entrevistada: A 'peruagem'?

Entrevistador: É.

Entrevistada: Uma chatice cruel, vazia, horrorosa. Até pelo fato de trabalhar com roupa, eu conheço muita gente diferente. Então é uma coisa muito desesperadora. Você vê aquelas pessoas simpatíssimas e não sei o que...mas no banheiro feminino. Eu vou da Feira de São Cristóvão à restaurante fino, então banheiro feminino com aquelas peruas, aquele pessoal com cara de Fofão, uns cabelos assim... aí você dá um beijo e desamassa. É uma compostura, tem um bordão: "acho que estou fazendo análise Bete".

Tem um fulano, que é um psicanalista inglês, chamado Adam Phillips, que tem um livro bacaníssimo chamado 'Beijo, cócegas e tédio', saiu pela Companhia das Letras. Uma coisa que ele faz é uma crítica à compostura, compostura é uma coisa horrorosa...aquela história de você ir atrás de uma liturgia que não é sua, da liturgia que é uma clássica, de um sistema internacional. Então, lamentavelmente, como a gente não tem muito o hábito, a gente não é educado, a gente não tem referência de família, a gente não viveu num lugar agradável, aí a gente sabe que pra ser aceito por diversos tipos, tem que estar com o cabelo bonito, com a pele esticada, com a roupa de não sei o que...a melhor coisa é comprar em liquidação de 'Outlet Fashion', porque você tem alí, que contar a data, não pode ser da coleção passada, tem que ser...então é legal, é bonito do ponto de vista estético, mas é muito sofrimento. Tem um livro daquele cara que escreveu um livro sobre a Florença, que é 'Gostos adquiridos'. É um livro bacaníssimo sobre a arte e sofisticação, mas as coisas de fato sofisticadas, então ele vai num alfaiate inglês e tira suas medidas da maneira que você de fato atua. É diferente de uma pessoa que tem seu peso e sua altura. Vai para um sapateiro italiano e fala da sofisticação nesse ponto. Eu acho que essa sofisticação a alta costura, tem. Tirando a peruada, a alta costura, tem.

Entrevistador: A sofisticação do Pavê...

Entrevistada: A sofisticação do Pavê, que aí volta pra artesaniania, que aí volta pro rio, então, assim...a da peruada, é bacana pra jogador de futebol, bicheiro. Esses caras ganham muita grana, minerador...e gastam muita grana e fazem com que, de certa forma, movimente essas coisas.Eu gosto de literatura, "penso, logo existo". Então eu acho lindo, essas peruas, a peruada. Tem uma moçada que já não é tão peruada, mas...a que não gosta de 'diferenciada' de Higienópolis, ela tem uma idade, que ela cresceu num ambiente bem formado, estudou em escola boa, ela molda o corpo com personal trainer, ela tem uma alimentação bacana,

então, assim...um corpo bacanérriimo. Se você olhar, lamentavelmente, você pega uma pessoa de 30 anos, um rico e um classe média e um pobre, você vê um corpo certinho, uma postura certa. Então é o melhor cabide do mundo, o cabide saúde, o cabide traquejo, então do ponto de vista meramente técnico, isso é lindo e algumas dessas pessoas são bacanérrimas também, porque são dimensões diferentes. Moda de perua, aquela coisa chatíssima de você pegar a última Louis Vitton ou a última do Ronaldo Fraga, vamos concordar, que é uma maravilha, né.

SANDRA

Entrevistador: Primeiramente, queria saber seu nome e qual é sua profissão?

Entrevistada: Meu nome é Sandra, eu sou professora de educação infantil da rede pública de São Paulo.

Entrevistador: Eu queria saber, você já conhecia o trabalho do Ronaldo antes de vir à exposição?

Entrevistada: Não, não, não conhecia, não.

Entrevistador: E o que você achou da visita à exposição?

Entrevistada: Ah...interessante, né. São curiosidades, que na vivência que a gente tem, a gente não tem conhecimento, né.

Entrevistador: Você acha que a exposição te trouxe alguma coisa? Como você percebeu? Como você sai, depois de ter passado pela exposição?

Entrevistada: A gente sai com mais conhecimento, até mesmo pra desenvolver com as crianças uma cultura que não faz parte da realidade deles.

Entrevistador: E o que você acha do trabalho do Ronaldo Fraga? O que, pela exposição você conseguiu perceber? O que você percebeu, de como ele trabalha?

Entrevistada: Ah...gostei bastante sim, a diversidade de expor as várias partes do rio, o vários momentos, como se firmou, como está hoje. Achei bacana.

Entrevistador: Você sabe que ele trabalha com moda?

Entrevistada: Não...

Entrevistador: Não? Ele é um designer de moda, enfim, ele faz coleções e ele que montou essa exposição. Eu queria saber o que você acha que é moda?

Entrevistada: Pergunta difícil.

(risos)

Entrevistada: Moda é uma tendência, é o que está em prática no dia a dia.

Entrevistador: E você acha que uma pessoa que faz moda, trabalha com moda. Ela poderia montar uma exposição assim? O que essa exposição conversa com a moda?

Entrevistada: Com certeza. A nossa realidade mesmo, do nosso país, da nossa população. Acho que é isso.

Entrevistador: E aquelas roupas no final da exposição. Você acha que elas trazem uma idéia do que ele vivenciou, às lembranças dele?

Entrevistada: Com certeza. Em cada vestido daqueles ali, a gente consegue ver o Rio São Francisco de fato.

Entrevistador: Como é que você vê o Rio? Pelo o que, no vestido, você vê?

Entrevistada: Um rio limpo, um rio bonito, como era antigamente.

E em relação às outras partes da exposição? Qual foi a que mais te chamou atenção?

Entrevistada: Ah...eu gostei da entrevista com o Vagner Moura, mesmo.

Entrevistador: Por que?

Entrevistada: A vivência dele desde menino. Do pai dele contando o que foi que aconteceu com a cidade.

Entrevistador: E você acha que na exposição, qual o lugar que fica mais claro, sobre o que está se falando?

Entrevistada: Com as garrafas, o trabalho com as garrafas. Ficou bem claro ali.
 Entrevistador: Em relação à história do Rio, você acha que ela...como ela está construída na exposição? Ela está de um jeito que dá para entender como as coisas são feitas ou é uma coisa mais misturada?
 Entrevistada: Dá pra entender, sim. A gente tem um pouco de conhecimento do que acontece com o Rio São Francisco. Está bem claro. Está um exposição dinâmica, bem interativa, dá para entender tudo.
 Entrevistador: Você acha, realmente, que a moda pode ser também uma exposição?
 Entrevistada: Com certeza, claro que sim.
 Entrevistador: Pode ser.
 Entrevistada: Hoje a gente viu isso.
 Entrevistador: Tá ótimo, então. Muito obrigado.

LUISA

Entrevistador: Primeiro me fala seu nome e sua profissão.
 Entrevistada: Meu nome é Luisa, sou professora de língua portuguesa e trabalho também com crianças especiais, sou formada em deficiência mental.
 Entrevistador: A senhora dá aula pra que rede?
 Entrevistada: Rede estadual. Só para a rede estadual, no momento só estou da rede estadual.
 Entrevistador: E eu quero saber o que a senhora está achando da exposição, o que a senhora achou da exposição?
 Entrevistada: Eu achei que a cultura brasileira tem mesmo que ser divulgada, difundida, porque tudo que vem de fora é melhor. Os nossos alunos...tudo o que vem de fora é bonito, lindo e maravilhoso, não vem de onde vem,mas é bonito, é estrangeiro. Então a cultura brasileira precisa ser conhecida e reconhecida, principalmente pra essas pessoas que moram tão distante e não tem o acesso que nós, aqui na metrópole, temos.
 Entrevistador: E como a senhora poderia resumir a exposição? Do que ela se trata...será que a senhora poderia fazer um resuminho?
 Entrevistada: Um resuminho rápido... Da cultura e dos povos, do nosso Brasil, que a gente não conhece, das pessoas que vivem em condições de pobreza. Esses artistas não são conhecidos, não saem em jornal, não saem em televisão e pelo o que eu pouco conheço de cultura, pra mim são artistas maravilhosos.
 Entrevistador: A senhora já conhecia o trabalho do Ronaldo Fraga, antes de vir à exposição?
 Entrevistada: Ronaldo Fraga, eu vi no computador, mas pouca coisa...No momento só dei uma passada, vim de 'en passant' mesmo e aqui foi que tive a curiosidade de prestar atenção, de ver realmente que o artista deveria ter sido divulgado, porque ninguém conhece,né.
 Entrevistador: A senhora sabe que ele trabalha com moda?
 Entrevistada: Não, não sabia.
 Entrevistador: E foi falado para vocês, na exposição, que ele trabalha com moda?
 Entrevistada: Olha...eu posso estar sendo desonesta falando que sim, mas eu não ouvi. Uma que, eu fico prestando atenção, também, neles e não posso deixá-los, mas ele deve ser um modista, pelo o que ele fez, pelo o que ele desenha, pelo o que ele retrata.
 Entrevistador: O que a senhora...como a senhora poderia definir moda? A partir daquilo...sabendo que o Ronaldo é um designer, trabalha com moda e da exposição que ele montou?
 Entrevistada: Olha...eu achei a cara brasileira, coisa nossa. Tudo o que ele retratou ali, é nosso Brasil, é o nosso país. Ele retratou o povo. E a moda dele deve-

ria ser retratada pro povo mesmo, para nós termos acesso e ser divulgado. Eu acho que nem nas escolas ele é divulgado, uma coisa que deveria ser, por televisão, rádio, outros modos de comunicação. Eu olhei de passagem no computador, mas por curiosidade.

Entrevistador: Então, se pudesse resumir de novo, como a senhora resumiria o que é moda?

Entrevistada: Ah...moda, eu acho que é tudo o que é belo. Tudo o que ele enxerga pra ele, o belo, e o belo dele representa 'nós', o nosso povo. Acho que moda pra ele, é o que a gente é, retrata a gente.

Entrevistador: Muito obrigado.

Entrevistada: Eu que fico feliz da escola ter essa iniciativa de dispor desse dinheiro, porque nós pagamos para visitar. Eles deram lanche. Então essa iniciativa da escola Odécio Fernandes, sendo do estado, foi uma iniciativa maravilhosa.

Entrevistador: Quem escolheu para via a essa exposição?

Entrevistada: Os professores de...na verdade foi uma combinação de todos os professores, principalmente o professor de história e a professora de artes. Principalmente os professores de artes. Infelizmente, eles não puderam vir, mas eu falei "não, a gente vai" e tudo. A professora de português falou da iniciativa com a diretora da escola.

Entrevistador: E você acha que quais disciplinas poderiam trabalhar e como poderiam trabalhar com essa exposição?

Entrevistada: Todas as disciplinas poderiam trabalhar, principalmente...um aluno disse pra professora, "nós poderíamos fazer isso na nossa escola". Então, já serviu de incentivo, então está gravada neles,né. Já plantou uma sementinha básica. Eles vão querer representar na escola. E foi assim.

Entrevistador: Obrigado.

MÔNICA

Entrevistador: Primeiro, quero saber seu nome e sua profissão.

Entrevistada: Eu sou Mônica. Sou a coordenadora aqui dos monitores da exposição de São Francisco, navegado por Ronaldo Fraga. Sou mineira.

(risos)

Entrevistador: Então existe um vínculo entre você e a exposição. E primeiro eu queria saber todo o processo. Já que você está trabalhando dentro...como foi o processo para se construir a exposição? Do que você participou em relação à exposição, como é que chegou?

Entrevistada: A exposição iniciou no final do ano passado em Belo Horizonte. Eu não participei dessa exposição de Belo Horizonte. A Andressa que veio treinar a gente, ela participou desde o início do projeto, então ela passou alguma informações. A exposição começou em 2010, então ela já veio pronta de Belo Horizonte para São Paulo e vai ser itinerante, continuando pelas capitais do Brasil, passando pelo Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e algumas cidades ribeirinhas.

Entrevistador: Então você já sabe qual o próximo destino da exposição?

Entrevistada: Rio de Janeiro.

Entrevistador: Sabe quando começa lá?

Entrevistada: Ainda não está exata, a data. Às vezes, ela pode, até prorrogar aqui em São Paulo, pra poder levar direto de São Paulo pro Rio de Janeiro.

Entrevistador: E como foi o trabalho de montagem? O Ronaldo esteve aqui, conversou com vocês, como foi isso?

Entrevistada: A montagem veio com a produção de Belo Horizonte. Para montar, ela começou antes, veio um mês da abertura da exposição e o Ronaldo, um dia antes, estava presente aqui com o treinamento nosso.

Entrevistador: Eu queria saber agora, em relação à exposição, pelas suas palavras, tentando um pouco fugir do que você já teve todo um contato. Como você definiria a exposição?

Entrevistada: Olha, ela é muito linda visualmente, ela é muito interativa para as crianças, para as pessoas de todas as idades e ela participa...todo mundo que entra fica encantado com as cores, o visual, o modo que você pode tocar, tirar foto. Então ela é interativa.

Entrevistador: Em relação ao tema da exposição, como é que você também colocaria, como você resumiria isso em relação ao que está sendo abordado aqui, apresentado, né?

Entrevistada: Bom...muitas pessoas chegam aqui esperando que vamos falar sobre a transposição e ela não fala nada sobre isso, ela fala sobre o lado bonito do Rio São Francisco. Como ele diz no vídeo da introdução, que ele olha como um bordado, o Rio São Francisco. Então a gente está olhando, com o olhar do Ronaldo Fraga, o Rio São Francisco, mostrando um pouco da cultura, dos alimentos, cores, cheiros e sabores, a tradição, a religiosidade. Então é uma parte muito bonita do Rio que a gente está olhando na exposição.

Entrevistador: Quando você fala transposição, você quer dizer o que? Quando as pessoas chegam aqui pensando que vai ter uma transposição, o que seria isso? Qual essa idéia que vocês tem?

Entrevistada: Bom...a gente não tenta focar muito sobre isso porque não é nosso tema e não é nosso objetivo aqui na exposição, mas o meu ponto de vista da transposição, é que estão querendo mudar o curso do rio e está tendo toda essa enquete agora, essa propaganda, isso tudo agora no jornal, falando sobre o Rio São Francisco. Teve o padre que fez a greve de fome, então a gente não toca nisso.

Entrevistador: Então é essa questão política, em relação ao projeto, em relação à posição e à manutenção do rio, na verdade. E você conhecia o Ronaldo Fraga antes de ter contato com a exposição?

Entrevistada: Já tinha ouvido falar, já tinha visto fotos pela internet, mas nunca tinha tido contato nenhum com ele.

Entrevistador: E como é que você define o trabalho de Ronaldo Fraga? Você sabe que ele é um designer de moda, como você vê essa exposição dentro de um trabalho de um designer de moda?

Entrevistada: Olha...eu gostei muito do trabalho dele. Ele é uma pessoa muito sensível, uma pessoa muito com olhar diferente. Ele mostra a moda dele, que ele fez sobre o Rio São Francisco, misturando um pouco da cultura, de todo mundo, alí das cidades ribeirinhas.

Entrevistador: E como você define moda? Vendo isso, como você consegue, vendo isso, depois da exposição, sabendo que o Ronaldo é um designer...como você definiria moda?

Entrevistada: Cultura, história, folclore.

Entrevistador: E pra você, olhando tudo isso, esse trabalho, na verdade, pedagógico da exposição, como tem sido a aceitação?

Entrevistada: Olha...todos que tem vindo na exposição, tem saído daqui encantados, emocionados, principalmente pessoas que já estiveram no rio ou na região.

Entrevistador: Você apresenta o Ronaldo como um designer ou não?

Entrevistada: Como um designer, como um artista e uma pessoa que trouxe moda e cultura pra gente.

Entrevistador: Tá ótimo, muito obrigado.

Entrevistador: Oi. Queria saber, primeiro, o seu nome e sua profissão dentro aqui do campo.

Entrevistada: Meu nome é Julia, eu sou servidora da Ação Educativa do pavilhão mesmo.

Entrevistador: Bom, Julia, eu quero saber de você, como tem sido a sessão das escolas na visita aqui na exposição?

Entrevistada: Então, as escolas agendam para contar com o educador, com a visita com o educador e aí elas tem a oportunidade de visitar a exposição do Rio São Francisco e umas outras exposições que tem no pavilhão. Então, elas tem essa referência, à cultura popular, que é o foco que essa exposição acaba tendo. Acaba tendo muito mais de cultura popular do que de moda e aí tem a oportunidade de ter essa relação de três exposições que trabalham com cultura popular. Atinge todos os públicos, todas as faixas etárias e crianças dos quatro anos até os nove e grupos de até 50 pessoas. A visita dura, em média, uma hora e meia.

Entrevistador: Fala um pouco sobre este contexto. Vocês falaram que o foco daqui é a cultura popular. Queria que você falasse um pouquinho mais sobre essa dimensão e com quem, na verdade, o Ronaldo está dialogando no espaço, com quem ele está dividindo esse espaço, como está dividindo essa cultura popular?

Entrevistada: O pavilhão das culturas brasileiras, é um grupo independente, tem um ano de funcionamento e ele abriu com dois apêndices, duas coleções. Uma é a coleção do antigo folclore, que funcionava aqui no Parque do Ibirapuera, no prédio da Oca, dividia espaço com o museu da aeronáutica. Esse museu, na mostra do descobrimento, no ano 2000, deixou de existir e todo o acervo ficou guardado e aí ele veio para o pavilhão. Além dessa coleção, tem também a coleção da visão das danças folclóricas, que foi criada pelo Mário de Andrade na década de 30. Quatro pesquisadores foram pro nordeste para registrar músicas, danças que estavam deixando de existir, e aí, nessa viagem também foram recolhidos objetos, instrumentos musicais, tem uma caderneta de campo, então esses objetos também fazem parte desse pavilhão. Depois dessa inauguração, nesse um ano foram feitas novas aquisições, então uma das exposições com o Ronaldo dialoga, é essa exposição de novas aquisições. Então são artistas, são artesãos, na verdade, artistas populares que dominavam um ofício, dominavam uma matéria. Então um mestre paneleiro, hoje trabalha com peças de cerâmica, mas peças estéticas e não artesanato puro. E tem o diálogo da produção ribeirinha do Rio São Francisco com os artistas populares que são de diversas partes do Brasil. Além dessa exposição, tem uma exposição que tem interessado muito as pessoas, que se chama Mônica Nador, "Autoria Compartilhada", que uma exposição de um grupo, de um coletivo de artistas, chamado "JAMAC Jardim Mirian", que foi criado pela Mônica Nador e eles trabalham com a técnica do estêncil, que, como eles estão trabalhando com produção de tecidos, acaba sendo uma técnica de estamparia. Então muita gente que vem pelo viés da moda da exposição do Ronaldo, acaba gostando muito dessa exposição, que inclusive, oferece oficinas pro público. O público pode vir, fazer a oficina e aprender a técnica de estêncil. Tem interessado muita gente, o pessoal que vem pelo viés da moda, acaba se interessando mais por essa exposição. Então é outro contexto dessa cultura popular que a gente fala dentro deste pavilhão.

Entrevistador: E...uma outra coisa que eu gostaria de saber de vocês é como é que é formada essa equipe para dar esse apoio pedagógico...trabalho pedagógico? Como é que se forma, como é que vocês trabalham, como é que acontece isso?

Entrevistada: Grupo Educativo do Pavilhão pavilhão, que trabalha com informações dos acervos do pavilhão, formado por 5 pessoas e aí essa equipe tem uma formação constante de cultura popular, inclusive a biografia dos artistas. Questões múltiplas de antropologia, sociologia, arte, história e além disso, tem o edu-

cativo da temporada da exposição de São Francisco, que no momento, conta com 3 pessoas. A gente faz um ajuizamento conjunto, combinado, casado e aí os atendimentos das escolas passa sempre por todas as exposições, a não ser, que a escola venha com foco para um só das exposições. Mas, geralmente, as escolas passam pelas 3 exposições e, aí, em momentos diferentes, sem seguir o mesmo roteiro, porque geralmente, temos 2 escolas no mesmo horário, então, uma está numa exposição e outra, está em outra. A equipe foi formada, principalmente, por pessoas de ciências humanas, então, formadas em artes, história, filosofia, nessas áreas e que tenham interesse em trabalhar com um clima informal, em espaços não formais em si.

Entrevistador: E eu queria também saber a respeito da circulação. Como vocês planejam essa questão, realmente, da circulação dos alunos. Tem um roteiro? Como é que é colocado isso pros alunos?

Entrevistada: Então, na exposição do São Francisco tem um roteiro, porque o Ronaldo pensou na visita da pessoa, como uma viagem através do Benjamim Guimarães. Então os ambiente, eles tem uma ordem a ser seguida e faz parte do projeto curatorial da exposição, então seguir o sentido contrário perde um pouco o sentido, que o ambiente vai dando sentido a outro. Nas outras exposições não, não existe roteiro. A gente vai trabalhando conforme o interesse do grupo e às vezes trabalha com obras que eles escolhem, às vezes obra que o próprio educador escolhe. Dificilmente a gente trabalha com todas as obras, porque são mais de 20 artistas, então é difícil trabalhar com todas as obras numa mesma visita, mas ele vai dialogando às vezes por tema, por material. Sempre vai buscando um roteiro na hora.

Entrevistador: E em relação à exposição do Ronaldo, como está a visitação? Está cheio, ta vazio, ta atendendo, como está a procura?

Entrevistada: Então, durante a semana, a visitação maior é das escolas mesmo. O parque conta...no final de semana a gente tem um número muito grande de visitantes no parque e não, necessariamente, são pessoas que vem para ver a exposição. São pessoas que estão passeando no parque e acabam vendo, "ah, que espaço é esse?" e entram, aí passa a ser educativo, mas o Ronaldo atrai, sim, muita gente. Muitas pessoas, principalmente do ambiente da moda, que não necessariamente viriam ao pavilhão, vem, se interessam muito. A gente conta também agora, por conta de uma grande inquietação, por conta da Fashion Week, que eu acho que vai dar uma visibilidade legal, que acontece no mesmo espaço. Então vai ter uma exposição de designer da Fashion Week, que acontece na Oca, no pavilhão da Bienal vão acontecer os desfiles. A gente acha que vai ter uma fatia de público que não é habitual daqui, que não necessariamente é habitual de um museu de cultura popular.

Entrevistador: Muito obrigado. Eu queria saber se a exposição vai ter algum catálogo, como vai ser a repercussão pós exposição, né?

Entrevistada: A exposição vai ter dois materiais. Um é o catálogo que está sendo previsto, da exposição, que é um catálogo que, provavelmente, se não for distribuído, vai ser vendido a um preço simbólico e vai falar da exposição. O outro material é um livro, que aí, vai documentar mais a experiência do Ronaldo na viagem dele pelo Rio São Francisco e também outras questões que não diretamente ligadas à exposição. As duas publicações vem de fundos diferentes, uma de fundo federal e outra de fundo estadual. Então ela vão sair em momentos diferentes. Provavelmente, o livro vai sair ao final de toda a itinerância das exposições, que deve durar ainda uns dois anos, porque conta com o período de calendário das exposições e aí não sei se a Mônica falou também, que o interesse depois é doar essa exposição. O Ronaldo quer tornar essa exposição, um memorial sobre Rio São Francisco. Ele quer criar em uma das cidades ribeirinhas e deixar essa exposição fixa e que ela possa receber mais materiais. Porque, por exemplo, no ambiente do caixeiro viajante, no ambiente das saudades, das ma-

las, tem um vídeo que fica passando com o lance das malas e na abertura da exposição de Belo Horizonte, a partir daquele momento, muitas pessoas começaram a mandar vídeos que falam das experiências delas em relação ao Rio São Francisco. Então, o intuito é criar o memorial que possa, ainda, continuar como o pavilhão continua sendo ainda...continuar catalogando, documentando outros registros sobre o rio. Então o rio...a exposição, então, faria uma menção à transposição do rio. Ela acaba dando alguns enfoques do recorte curatorial, aí esse memorial possa abarcar essas outras questões também. Então foram três resultados, as duas publicações e uma exposição fixa, permanente.

Entrevistador: Eu queria saber, em relação às publicações, qual que vem de um fundo federal e qual que vem de um fundo estadual?

Entrevistada: Olha, eu não vou te dar certeza disso, porque, na verdade, não é uma coisa que está documentada, foi uma coisa que a gente ouviu numa das conversas com Ronaldo, mas eu acredito que o livro seja de um fundo federal, porque a exposição foi aprovada pela Lei Rouanet. Ela é a primeira exposição de moda a ser aceita dentro da área de cultura e aí, eu acredito que o livro é dentro da lei federal; e dentro da lei estadual, que foi aprovada em Minas Gerais, com a exposição indo pra lá, existe a apresentação desse catálogo, que eu acho que, provavelmente, no Rio de Janeiro vai estar sendo disponibilizado.

Entrevistador: E eu queria saber de você, o que você acha em relação a essa nova questão política, da inclusão na moda em um desses setores de cultura do Ministério?

Entrevistada: Bom...uma opinião pessoal, né?

Entrevistador: Claro.

Entrevistada: Eu acho que a moda encarada dessa forma, como o Ronaldo está levando, eu acho muito legal, eu acho que o estilista tem uma busca conceitual, ele tem uma pesquisa muito grande para conseguir produzir aquele...não chega a nem cinco minutos de desfile, né. Sei lá, pra produzir aquele tempo de desfile, ele tem uma pesquisa muito grande, então ele pode transformar aquele tema numa exposição, que mostra às pessoas, uma forma de ver aquilo, porque outros artistas, outros estilistas poderiam ouvir sobre o Rio São Francisco e ter um outro olhar. Então é uma questão das pessoas sobre o Rio São Francisco. Ele...quando ele fez a exposição do Drummond, ele poderia ter feito uma exposição sobre o Drummond, mas não teria, talvez, o mesmo interesse que o do Rio São Francisco. Eu acho que é muito interessante isso e eu acho que a moda está entre esses campos. Ela pode estar inserida no campo da cultura, ela pode estar inserida em questões de mercado, ela pode estar inserida em várias questões, só depende da forma que a gente...como a gente lê aquilo, né. Na verdade, eu acho muito isso, eu falo com as pessoas que não é uma exposição de moda, é uma exposição de cultura popular, de história, mas que tem um desdobramento, tem um resultado de moda. Então, aqui a gente vê os vestidos, eles estão muito bem inseridos, eles tem um diálogo, mas se a pessoa vem aqui com o interesse de ver os vestidos e vai embora, ela perde muito do que está em volta, além disso né.

Entrevistador: Certo. Muito obrigado, muito obrigado.

SANDRA (segurança)

Entrevistador: Bom dia. Primeiro eu queria saber seu nome e a tua profissão?

Entrevistada: Meu nome é Sandra e eu sou segurança patrimonial.

Entrevistador: E você está trabalhando aqui então, no pavilhão de cultura brasileira?

Entrevistada: Isso, no pavilhão de cultura brasileira, minha empresa é terceirizada.

Entrevistador: Ótimo. Você tem ficado, um tempo aqui circulando, digamos assim, na exposição do Ronaldo?

Entrevistada: Isso, a gente tem que ficar cuidando, né, para que as pessoas não mexam, para que venham, sim, visitar a exposição, mas que não danifiquem nada.

Entrevistador: E pra você que entra em contato todo dia, aqui, com a exposição, como você considera...como você poderia resumir a exposição?

Entrevistada: A exposição é maravilhosa, né. Vem das coisas simples da vida, rios, peixes. Fez um sonho do Ronaldo Fraga, movido por uma lenda que o pai dele passou pra ele, por lendas, tipo...através das lendas ele conseguiu fazer com que um sonho fosse realizado através de uma exposição, incluindo o trabalho dele de moda também.

Entrevistador: Você já tinha ouvido falar do Ronaldo antes da exposição?

Entrevistada: Já. Morei em Minas.

Entrevistador: Ah...você morou em Minas; e o que você já tinha ouvido falar dele em Minas?

Entrevistada: Eu vi uma reportagem, uma vez numa TV local, numa emissora local, sobre o desfile dele.

Entrevistador: Então você sabia que ele trabalhava com moda?

Entrevistada: Sabia.

Entrevistador: E pra você, a partir dessa percepção aqui, o que você acha que é moda?

Entrevistada: Moda... Moda é o dia a dia, o estado de espírito. Moda é você colocar pra fora um sentimento. Eu posso sair aqui fora, olhar umas árvores, posso fazer assim... Aí, falar pra mim assim, pensar comigo, “eu vou fazer alguma coisa inspirada nessas árvores”, igual ele fez com o rio, os peixes, com o vestido ‘Nascente do Rio’ passa a dança, com a piracema, com a miçanga. É isso.

Entrevistador: E você acha que, no todo, a exposição...o que você tem pra falar em geral? Qual é a parte que você mais gosta, por exemplo?

Entrevistada: A parte que eu mais gosto é o vídeo explicativo, os vestidos do desfile São Paulo Fashion Week, também tem a parte dos caixeiros viajantes, o cantinho da saudade.

Entrevistador: E como você tem visto as pessoas circulando? Elas tem gostado, as crianças, o que elas tem falado?

Entrevistada: Elas tem gostado muito, todas elogiam, todas falam “nossa, está maravilhosa a exposição, está uma coisa muito linda”. Dá vontade de ver de novo.

Entrevistador: Tem muita gente, vem muita gente? Como é o público durante a semana, qual é a diferença do público no dia de semana para o fim de semana?

Entrevistada: O público durante a semana, varia, tem dias que vem mais pessoas, tem as que ficam aí fora, no parque mesmo, e junta pessoas no evento, que acabam vindo pra cá. Tem uns dias...na segunda-feira é fechado e tem uns dias da semana que tem mais pessoas. Geralmente domingo vem bastante gente.

Entrevistador: Nos finais de semana a circulação é maior...

Entrevistada: Isso, é maior. As pessoas estão mais em casa, então saem mais.

Entrevistador: Muito obrigado.

Entrevistada: De nada.

8.10.

Folder da exposição Rio São Francisco

Folder da exposição Rio São Francisco disponibilizado ao público durante a passagem da mostra por São Paulo - Pavilhão das Culturas

8.11.

Carta de Ronaldo Fraga - Coleção de Inverno 2012

Carta divulgada pela *web* em que o designer justifica sua ausência na edição de Inverno 2012 do *São Paulo Fashion Week*. Disponível em: <<http://chic.ig.com.br/moda/noticia/tempo-ronaldo-fraga-pula-o-spfw-inverno-2012-por-uma-temporada-para-respirar-e-diz-que-a-moda-acabou>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

